

REVISTA BRASILEIRA DE

SEXUALIDADE HUMANA

VOLUME II - Nº 1 - 1991



sbrash

Revista
Brasileira
de
Sexualidade
Humana

Volume II - Número 1 - Janeiro a junho de 1991
Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana - SBRASH

Sumário

Editorial	11
------------------------	----

Opinião

1. O Exercício da Sexualidade na Adolescência. II. Educação Sexual.....	15
Nelson Vitiello; Isméri Seixas Cheque Conceição	
2. Estudo dos Problemas Sexuais segundo Diferentes Linhas Psicoterapêuticas. Vantagens da Nova Terapia Sexual	25
Gilda Bacal Fucs	
3. Conversando sobre Sexualidade Masculina	35
Marcos Ribeiro	

Trabalho de Pesquisa

1. Masturbação em Estudantes Universitárias: Atitudes e Referência	41
Daisy de Castro Alves; Tânia Regina de Assunção Pereira; Oswaldo Martins Rodrigues Jr.	
2. Opinião de Estudantes Universitárias sobre Sexo Oral em Relações Heterossexuais.....	52
Edilaine Manha Sanches; Luciana Di Lorenzo Teixeira; Oswaldo Martins Rodrigues Jr.	
3. Sexo, Mulher e Punição. A Sexualidade Feminina numa Instituição Penal.....	69
Maria do Amparo Rocha Caridade	
4. Sexualidade: Discurso do Corpo? Um Estudo de Caso ..	79
Maria Alves de Toledo Bruns; Maria Virginia Filomena; Cremasco Grassi	

Apresentação de Metodologia

1. Metodologia em Educação Sexual. Experiência no Instituto Montessori Criança Feliz.....	95
Gerson Pereira Lopes; Lilliam Geo Leite Soares; Samuel Rosa de Alvarenga; Leonardo Goodson do Nascimento; Flavia Rocha Galvão	

Resumos Comentados

1. Pharmacotherapy of Erectile Dysfunction: A Review..... 105
K. Jünemann e P. Alken, resumo e comentários de
Oswaldo Martins Rodrigues Jr.
2. Intracavernosal Injection Therapy for Erectile Impotence: Moral and Forensic Aspects of Treatment..... 109
E. C. O’Gorman e I. T. Brownes, resumo e comentários
de Oswaldo Martins Rodrigues Jr.

Editorial

Iniciamos, com este número, o segundo ano de vida da *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. Como fato auspicioso, além da própria manutenção da periodicidade programada, desejamos comunicar a nossos leitores o fato de que, graças à colaboração de alguns anunciantes, a *R.B.S.H.* provavelmente passará a ser trimestral já a partir do próximo ano.

Temos recebido um número de contribuições acima de nossa expectativa, o que se por um lado permite uma seleção mais exigente dos textos a publicar, por outro nos deixa o dissabor de fazer com que os colaboradores esperem às vezes meses, antes de verem publicados seus trabalhos. Esperamos que com a trimestralidade da Revista esse problema fique resolvido.

Como nossos atentos leitores observarão, além das sessões propostas para os primeiros números, abrimos espaço para apresentação de novas metodologias e, a partir do próximo número, pretendemos incluir a transcrição de debates sobre temas controversos, conseguida junto aos organizadores de eventos. É nossa intenção que a Revista se firme cada vez mais como publicação científica multidisciplinar e abrangente.

Nelson Vitiello
Editor

Opinião

O Exercício da Sexualidade na Adolescência. 1

II. Educação Sexual*

Nelson Vitiello¹
Isméri Seixas Cheque Conceição²

Fazem-se necessárias algumas considerações, para que possamos analisar adequadamente o assunto. Em primeiro lugar, deve ficar claro que não existe “educação sexual” como conceito restrito.

O processo educativo deve ser abrangente a global, sendo mera figura de retórica falar em educação para um tópico isolado, tendo em vista o próprio conceito de educação. Educação não é apenas o ensino de umas tantas regras sobre o que é aceitável ou não; educação não é a produção em série de pessoas iguais ao educador; educação tampouco é meramente o fornecimento de informações ao educando.

Educar, num sentido amplo a humanístico, é fornecer subsídios, apoio a condições para que ocorra um crescimento, um desenvolvimento da pessoa humana, de dentro para fora, numa formação de hábitos e de atitudes que levem o ser humano a adquirir a solidificar seus próprios valores, embasado, acima de tudo, em princípios éticos. É claro que “educação”, dentro de um conceito assim amplo, não pode ser setorizada em simples chavões isolados, como “educação sexual”, “educação alimentar”, etc. O processo educativo só pode e deve ser visto como algo abrangente a multifatorial. Dentro

* Trabalho realizado no Programa de Assistência Médica e Psicossocial à Adolescência (PAMPA).

1. Presidente da Associação Brasileira das Entidades de Assistência à Adolescência.

2. Coordenadora do Programa de Assistência Médica e Psicossocial à Adolescência.

Recebido em 06.06.90

Aprovado em 25.06.90

desse processo assim amplo insere-se a educação sexual como parte de um todo, a não como um tópico isolado.

Em segundo lugar, como corolário do conceito explicitado, deduz-se facilmente que a família deve ser encarregada do corpo principal da educação, visto ser ela, em nossa cultura, a estrutura social que participa da formação do indivíduo desde seu nascimento. Outras estruturas, como, por exemplo, a escola, não podem ser alijadas do processo educativo; deve ficar claro, entretanto, que a família é a principal executora da educação, a ser complementada posteriormente.

A família, entretanto, não está preparada para ministrar uma educação coerente, em especial no que diz respeito ao exercício da sexualidade. Seus membros adultos trazem toda uma carga de desinformação, preconceitos e inibições, adquiridos em sua própria formação. Sabemos que a imensa maioria dos adultos, na atualidade, encontra dificuldades em lidar até mesmo com sua própria sexualidade, quanto mais com a de seus filhos. Estudos realizados em nosso meio apontam para cifras de perto de 60% para a freqüência de disfunções sexuais femininas e de 35% para as masculinas.

Apesar disso, querendo ou não, é claro que a família, mesmo pela abstenção da discussão do tema, faz "educação sexual". Não é a educação ideal, pois os conceitos passados são negativos e carregados de preconceitos. Esses ensinamentos, aliás, são muito mais freqüentemente passados pelas atitudes (ensino não formal) do que pelas palavras.

Como a família sente desconforto em lidar abertamente com o tema, a educação sexual é "empurrada" para a escola. Ocorre, entretanto, que os educadores são adultos que têm tanta dificuldade em lidar com o tema quanto os pais e demais familiares. A sexualidade é versada então em seu aspecto orgânico, transformando-se em aulas de biologia da reprodução o que deveria ser educação sexual.

Finalmente, antes de formular algumas propostas de roteiros e princípios de educação sexual, gostaríamos de lembrar as principais dificuldades dos adultos em lidar com o tema.

A primeira dessas dificuldades é a falta de parâmetros. A atual geração de adultos não recebeu, nem formal nem informalmente, qualquer orientação para bem educar-se, quanto mais para educar seus filhos.

Além das características condições sociais da atualidade, analisadas na primeira parte deste trabalho (*R.B.S.H.*, vol. 1, nº 2), não podemos esquecer que vivemos uma época caracterizada por grandes mudanças ideológicas em relação à sexualidade. O papel da mulher tem sofrido grandes modificações, ao menos em teoria. Uma

postura mais ativa de grande parte das mulheres vem exigindo uma série de transformações, adaptações e ajustes nas práticas machistas. Faz-se necessário uma reformulação dos papéis sexuais, não só no discurso, mas também nas atitudes; reformulação esta que a maioria dos adultos tem-se mostrado incapaz de fazer. O namoro, o casamento e as relações sexuais extra-conjugais sofreram modificações conceituais e práticas para as quais muitos dos adultos não estão preparados. Acrescente-se ainda, a essas mudanças ideológicas, a realidade de serem hoje disponíveis técnicas anticoncepcionais de alta eficácia e baixo índice de efeitos colaterais graves. Esse fato, livrando ao menos em teoria as mulheres do ônus de uma gestação indesejada, evidentemente é significativo na gênese do comportamento sexual de adultos e adolescentes.

EDUCAÇÃO SEXUAL NA FAMÍLIA

É evidente que cada família possui sua psico a sociodinâmica própria, o que torna impossível traçar normas válidas para todas. Respeitando-se essa individualidade, entretanto, pode-se considerar alguns princípios gerais. Note-se que os pontos explicitados são aqueles que, julgamos, deveriam ser observados.

A Sexualidade como Fator Positivo

A sexualidade, ao contrário do que ainda é a tônica em muitas famílias, deve ser compreendida e passada como um valor positivo, como um bem a ser exercido e desfrutado. Frequentemente, na intenção de proteger crianças e adolescentes de possíveis consequências danosas do exercício da sexualidade, as famílias apresentam-na como algo feio, sujo a pecaminoso, realçando seus riscos. Em vez de uma atitude educadora, que oriente os jovens para o exercício de uma sexualidade sadia, essas famílias tentam cercar os impulsos sexuais através de ameaças e de repressões mal disfarçadas. É comum que mães, elas mesmo frustradas em sua própria sexualidade, advirtam suas filhas para eventuais riscos - reais ou imaginários - ao invés de passar a noção de que sexo é muito bom, é algo que pode ser muito positivo na intensificação de um relacionamento entre pessoas que sentem mútuo afeto. Os pais, por outro lado, passam a imagem de esperar de seus filhos o comportamento tipo "macho predador", esquecendo-se de que os filhos de seu vizinho,

quando apresentarem esse comportamento, terá como parceira a sua própria filha.

Experiência não se Transmite

O segundo ponto a ser levado em consideração, não apenas no que tange à educação sexual, mas sim como um princípio geral do relacionamento entre pais e filhos, é que a experiência adquirida durante toda a vida dos adultos, às vezes com muito sofrimento, não é transmissível integralmente aos filhos. Todo pai gostaria que seus filhos não precisassem passar pelas experiências - algumas amargas - que ele próprio passou; isto entretanto não acontece. Pode-se advertir, pode-se aconselhar, mas os jovens irão fatalmente cometer seus próprios erros na aquisição de experiência de vida. Aliás, os pais normalmente não relatam suas experiências frustrantes, gostando apenas de gabar-se de seus êxitos.

Quando se Deve Começar a Falar sobre Sexo?

Desde os primeiros dias de vida os pais podem facilitar a formação de atitudes positivas quanto à sexualidade, conduzindo-se no trato com a criança de maneira descontraída e estimulando os contatos físicos, pele a pele, que são a primeira manifestação da sensualidade.

Como norma geral, aceita-se que os pais devem tratar, com seus filhos, de assuntos ligados à sexualidade quando surgir interesse, qualquer que seja a idade do educando. É fundamental que se respeite a individualidade de cada ser humano e que se aceite ser pessoal o ritmo de cada um. Tentar forçar o surgimento de perguntas pode ser contraproducente, além de antipedagógico. É claro que observações colocadas com tato e sensibilidade podem estimular a curiosidade de crianças e jovens mas, como regra genérica, é preferível que esse interesse surja espontaneamente. Habitualmente, as perguntas explícitas começam a surgir precocemente; se não forem reprimidas, tendem a ir-se aprofundando.

Canal de Comunicação Aberto

Fica claro que entre pais e filhos deve existir, idealmente, um canal de comunicação aberto em ambos os sentidos, durante

todo o tempo. É claro também que se a criança ou o jovem é reprimido em outros aspectos da vida, esse canal de comunicações se fecha. Em outras palavras, se os pais forem repressores quanto ao relacionamento em geral, obviamente não serão liberais nos aspectos sexuais da educação. Se o jovem se sente à vontade para fazer perguntas ou para relatar experiências em qualquer área, naturalmente também buscará com os pais informações sobre sexualidade.

Preconceitos

Em diferentes graus e sob diferentes formas todos nós trazemos, em nossa bagagem cultural, uma série de tabus e de preconceitos. Podemos, se nos esforçarmos nesse sentido, identificá-los e combatê-los, examinando-os à luz da razão e da lógica; negá-los, porém, é fugir da realidade.

Qualquer preconceito pode perturbar o processo educacional, mas preconceitos machistas, em especial, têm expressiva atuação no tocante à educação sexual. Um exame racional de nossas atitudes e idéias sobre papéis sexuais, homossexualidade e relações pré-conjugais, entre outros itens, pode melhorar a qualidade da orientação sexual, além de ajudar na busca do autoconhecimento e na melhora das condições de exercício de nossa sexualidade.

Um Relacionamento Franco e Honesto

É muito freqüente que pais, frente a situações que os atinge em seus preconceitos, apresentem um discurso liberal que contrasta fortemente com atitudes repressoras. Dizer, por exemplo, que não tem preconceitos contra homossexuais, mas tentar ridicularizá-los com atitudes e palavras, passa ao educando uma dupla mensagem confusa, que pode perturbar a formação de suas atitudes. Os pais jamais devem negar que se sentem embaraçados frente a certos temas, quando esse embaraço existe. É preferível que essa confissão seja feita, acompanhada de explicações, pois os jovens percebem nitidamente quando o adulto não se sente à vontade. Não devem os pais, tampouco, envergonhar-se de não saberem responder a certas perguntas. É sempre preferível um “não sei! Vamos procurar na enciclopédia?” do que uma tentativa de resposta enganadora que, mais cedo ou mais tarde, será desmascarada.

Respeito

O respeito que deve permear todas as relações humanas, mesmo aquelas entre adultos e crianças, é de fundamental importância quando se trata de educação sexual. Respeito à individualidade, à autodescoberta, às opiniões e ao direito de auto-afirmar-se são imprescindíveis. Os pais devem conscientizar-se de que seus filhos são pessoas humanas e absolutamente não lhes pertencem. Ninguém, nem mesmo pais e mães, tem o direito de posse sobre outros seres humanos.

Limites

Até onde se pode permitir aos filhos chegar, em termos de sexualidade? Evidentemente, todo processo educativo deve ter limites que, adequadamente estabelecidos, são uma salvaguarda para os seres em formação. Ninguém defenderia, por exemplo, uma educação tão liberal em que os pais permitissem aos filhos saltarem do alto de um prédio, para experimentar a sensação de perigo. Limites são necessários e benéficos, desde que não sejam tão restritos que sufocuem o emergir da maturidade nos jovens. Somos de opinião que os limites, em educação sexual, devem ser colocados de maneira a proteger o educando da possibilidade de provocar danos a si próprio ou a outrem.

Nesse sentido, é cabível a discussão sobre a possibilidade de censura, a ser exercida pela família, sobre leituras, vídeos e experiências diversas. Existem, a respeito da censura, as opiniões mais extremadas, desde a censura quase total sobre informações ligadas à sexualidade até aqueles defensores da completa liberalização de informação, incluindo material pornográfico. Parece-nos que aqui pode ser aplicada a máxima latina in *medio virtus*.

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Dentro do seu papel de entidade social educadora, a Escola como instituição assume importante papel na educação sexual, até como supletora da função educadora da família que, como vimos, frequentemente deixa a desejar a esse respeito.

A Escola, entretanto, embora reconheça a necessidade de assumir esse papel, usualmente não está preparada para exercê-lo, pois os professores, além de pertencerem à mesma geração que os pais -

padecendo portanto das mesmas deficiências em sua formação - não são suficientemente motivados e não têm acesso aos conhecimentos necessários para bem desempenhar a função de educadores sexuais. A responsabilidade da Escola, além disso, acaba por se estender não só à educação sexual dos jovens, mas até à de suas respectivas famílias, para que tais princípios educativos alcancem os fins almejados. Como então preparar a Escola para objetivos assim tão amplos?

A partir de nossa experiência, adquirida na orientação de Programas de educação sexual em escolas públicas e da rede privada, que vimos praticando a alguns anos, formulamos alguns preceitos gerais. Não nos julgamos donos absolutos da verdade, nem achamos que os Programas por nós orientados são formas acabadas de perfeição; temos observado, entretanto, que, após várias tentativas diferentes de abordagem do problema, a formulação atual desses Programas vem obtendo inegável sucesso, não apenas em nossa apreciação, mas também na opinião de professores, pais e, principalmente, na dos jovens.

Requisitos Básicos para Preparação das Escolas

Antes de mais nada, é necessário que a Escola, como Instituição, e seus funcionários, como pessoas, sejam sensibilizados para a necessidade da educação sexual. Infelizmente, na maioria das vezes, essa sensibilização só acontece depois da ocorrência de situações desagradáveis, incômodas ou até trágicas. Quase sempre a escola passa a reconhecer a necessidade de um Programa após incidentes ligados ao exercício da sexualidade por seus alunos, tais como, atos explícitos nas dependências da escola, moléstias sexualmente transmissíveis, gestações indesejadas, etc. Torna-se relevante frisar que, embora importante, a sensibilização da Diretoria da escola não é suficiente para criar e manter um Programa. É necessário que a Instituição como um todo, desde o Diretor até o porteiro, esteja interessada.

Os conhecimentos de todos (e não só daqueles professores diretamente envolvidos no Programa) sobre a sexualidade devem ser ampliados. As informações, passadas por especialistas, devem motivar oportunidades de reflexão sobre a própria sexualidade dos membros da escola, enquanto pessoas, de maneira a levá-los a um aperfeiçoamento como indivíduos.

Mesmo conhecendo suas limitações, a escola deve, para obter êxito num programa desse tipo, propor-se a um relacionamento livre e respeitador com os educandos, compreendendo a educação como

um aprendizado para a conquista da liberdade, a não para o cumprimento de deveres. Assim, informalmente, todos os funcionários da escola devem participar do Programa de educação sexual.

Quem, dentre os componentes do corpo docente, deve ser diretamente encarregado da educação sexual? Habitualmente se “elege” - leia-se “obriga” - o professor de biologia para esse mister. Embora seja a biologia a matéria que mais afinidade possa ter com o tema, essa escolha não deve ser automática. Ocorre, às vezes, que, por características pessoais de personalidade, haja maior afinidade dos jovens, nesse tema, com professores de outras matérias. Tendo a sexualidade importante componente psicológico e social, além do biológico, não há razão válida para que o encarregado do Programa não possa ser o professor de educação física, de matemática, de história ou qualquer outro. A seleção deste professor deve se basear muito mais em interesse pessoal e em facilidade de relacionamento com os jovens do que na matéria ministrada usualmente.

Uma vez selecionado esse profissional, deve ele receber informações abrangentes e atuais dos aspectos biopsicossociais da sexualidade, habitualmente ministrados sob a forma de um Curso onde, além dos conhecimentos formais, se possibilite uma análise crítica de sua própria sexualidade, de seus valores e de sua atuação. Note-se que esses professores, por mais bem preparados que estejam, necessitam ser constantemente motivados e apoiados, em programas de reciclagem periódica que permita a eles o esclarecimento de dúvidas e a discussão dos aspectos polêmicos.

Dentro de um Programa abrangente desse tipo faz-se ainda necessário que se promovam, periodicamente, reuniões com professores, diretores e funcionários da escola, para discussão do andamento do Programa. Eventualmente, como elemento motivador, devem ser propiciadas palestras proferidas por profissionais qualificados, para reforço dos conhecimentos mais importantes.

Constituição do Programa de Educação Sexual

Com conteúdo adequado para cada estágio do desenvolvimento, o Programa deve, idealmente, atingir o educando em todos os graus, com concentração temática e de carga horária nas fases iniciais da adolescência. A programação específica dos temas deve enfatizar não apenas os aspectos biológicos da sexualidade, mas também aqueles ligados ao social e ao psicológico.

É fundamental que a quantidade de informação passada ao educando em aulas formais seja mínima; a maioria dos temas torna-se

mais interessante e o aprendizado mais proveitoso quando os assuntos são discutidos pelo grupo, devendo restringir-se o papel do professor ao de coordenador, ocasionalmente esclarecendo dúvidas. Sendo o exercício da sexualidade um comportamento, é fundamental que seja discutido em grupo, e não imposto pela autoridade de um professor.

O ideal é que o Programa se desenvolva em horários livres, com frequência não obrigatória, em grupos aproximadamente homogêneos quanto ao desenvolvimento psicossocial. A frequência dessas reuniões pode ser semanal, com a mesma duração de uma aula comum, isto é, cerca, de 50 minutos.

Objetivos de um Programa de Educação Sexual

Basicamente buscando levar ao desenvolvimento harmônico e satisfatório da sexualidade, um programa desse tipo deve atingir não só os educandos, mas também suas famílias.

Dos objetivos a serem alcançados junto às famílias, é fundamental sensibilizá-las para a necessidade da educação sexual. Para tanto, os Programas, que não fazem parte do currículo formal das escolas, devem depender da autorização dos familiares para a frequência dos educandos. Desde que se apresente aos pais os objetivos e o conteúdo dos Programas, e que se dê também a eles a oportunidade de aprender, não existem habitualmente resistências. Na imensa maioria das vezes os pais autorizam - até com certo alívio - a educação sexual de seus filhos. Além dessa autorização inicial, entretanto, é importante que os pais sejam constantemente motivados e instruídos através de reuniões periódicas.

Quanto aos educandos, além de informações sobre anatomia e fisiologia da sexualidade e assuntos correlatos (menstruação, gestação, doenças sexualmente transmissíveis, etc.), o Programa deve questionar as emoções e as atitudes frente à sexualidade. Devem ser trabalhados preconceitos - machismo, por exemplo - e noções de "feio" e "sujo" frequentemente associadas. É necessário que seja incentivado o respeito pelo próprio corpo, bem como pelo corpo dos outros. Em última análise, pretende-se que os educandos adquiram conhecimentos que lhes permitam escolher e desenvolver as atitudes e os comportamentos que representem o melhor, em relação à sua sexualidade.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

1. ARIES, P. *História Social da Criança e da Família*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
2. CAVALCANTI, R. C. & VITIELLO, N. *Sexologia I*. São Paulo, Roca, 1987.
3. CAVALCANTI, R. C. e cols. *Saúde Sexual e Reprodutiva-Ensinando a Ensinar*, Brasília, edição dos autores, 1990.
4. CONSTANTINE, L. L. & MARTINSON, F. M. *Sexualidade Infantil*. São Paulo, Roca, 1984.
5. COSTA, M. *Sexualidade na Adolescência*. Porto Alegre, L & PM, 1986.
6. LIMA, H. M. M. *Educação Sexual para Adolescentes*. São Paulo, Iglu, 1988.
7. RIBEIRO, M. *Mamãe, Como Eu Nasci?* 52ª ed., Rio de Janeiro, Salamandra, 1990.
8. _____. *Menino Brinca de Boneca?* Rio de Janeiro, Salamandra, 1990.
9. VITIELLO, N. *Sexologia II*. São Paulo, Roca, 1988.
10. VITIELLO, N.; CONCEIÇÃO, I. S. C.; CANELLA, P. R. B.; CAVALCANTI, R. C. *Adolescência Hoje*. São Paulo, Roca, 1988.

Estudo dos Problemas Sexuais segundo Diferentes linhas Psicoterapêuticas. Vantagens da Nova Terapia Sexual **2**

Gilda Bacal Fucs¹

As pessoas que se descobrem com reais ou fantasiosos “problemas sexuais”, sentindo-se “doentes”, porém sem desejarem ser descobertas e vistas como tal por seus parceiros e também por seus amigos, depois de alguns meses de sofrimento a sós, por não perceberem melhora e sim agravamento em seus “quadros”, buscam na figura de um profissional a solução para o que lhes faz, tão intimamente e intensamente, sofrer. Procura-se e anseia-se, em uma consulta, por uma abertura por onde se possa jogar toda a angústia contida. Já faz parte da primeira entrevista de alguns médicos ou psicólogos inquirir sobre a vida sexual dos clientes, porém muitos são os que não abordam esse tema porque têm bloqueios em sua própria sexualidade; bloqueios que eles não querem ou não conseguem perceber e que estão encobertos por inúmeros mecanismos de defesa. Justificativas e desculpas são dadas; puras racionalizações que servem de proteção para fugir de um trabalho que irá mexer com coisas sujas, não resolvidas.

Os indivíduos com queixas na esfera sexual buscam auxílio nos médicos organicistas, sobretudo nos ginecologistas, nos urologistas ou andrologistas, nos geriatras e nos clínicos gerais ou então nos psiquiatras. Muitos também procuram os psicólogos. Os organicistas partem, de imediato, para ver o problema como uma doença

1. Psiquiatra. Universidade Federal da Bahia.

Recebido em 01.11.90

Aprovado em 26.11.90

e, valendo-se dos recursos que dão os diagnósticos modernos, para a confirmação do que foi previamente diagnosticado, buscam atuar o mais rapidamente possível no sentido de resolver a situação. Não perdem tempo e não estão nem sequer preparados para raciocinar em cima da multiplicidade de fatores que podem estar causando ou interferindo naquela problemática. Fazendo uso dos psicotrópicos, os psiquiatras clínicos tentam vencer os quadros de depressão e de ansiedade que acompanham esses casos, acreditando que assim resolvem tudo.

Já os psicólogos, treinados para ver as queixas sob uma perspectiva psicológica, não têm condições e - o que é pior - não estão abertos para imaginar que muito de orgânico pode existir como causa principal ou concomitante nos distúrbios da sexualidade. O que se nos parece mais agravante é que, na dependência da linha terapêutica na qual baseou sua formação e passou a atuar, o psicoterapeuta, quer médico ou psicólogo, busca resolver qualquer tipo de problemática de quem os procura.

A variedade de correntes psicoterapêuticas que trabalham o psiquismo humano é muito grande. Todas elas lidam com as questões da sexualidade acreditando ser cada uma a mais adequada para ser usada em todos os casos, num tipo de atuação armado sobre suas concepções teóricas, suas crenças, interpretações dos fenômenos e na forma de conduzi-los e de solucioná-los. Uma polêmica filosófica surge de imediato: o que se considera como problema sexual? O que é tratar a sexualidade? Seria a remissão de um sintoma, de uma queixa em relação ao ato copulativo? Seria o trabalho sobre o equilíbrio psico-emocional-sexual do indivíduo consigo mesmo ou seria algo mais amplo, entendendo-se como tal toda a sua vida de relação?

Sem nenhuma dúvida as pesquisas de Masters e Johnson foram um marco gerador de mudanças no que concerne ao entendimento sobre a sexualidade do ser humano e também quanto à terapia da problemática sexual. Levantou-se, a partir daí, uma verdadeira contestação a respeito da Psicanálise clássica, que se distingue dos demais tipos de psicoterapia porque não se ocupa do sintoma sexual ou de outro qualquer, tratando de fazer conscientizar os conflitos individuais.

As demais técnicas têm algo em comum na medida em que se ocupam do que o paciente reclama e que foi o motivo da busca terapêutica, tendo, pois, um enfoque mais imediatista e condizente com o desejo de quem procura ajuda.

PSICANÁLISE

A psicanálise vê os conflitos profundos como as únicas causas responsáveis pelos distúrbios sexuais e não duvida de que ela é a única terapia de eleição para os mesmos. A origem estaria, pois, na mais tenra infância e em seu processo evolutivo. A não superação normal das etapas da evolução, a fixação em uma delas, os traumas e os conflitos concernentes a uma evolução não sadia, a relação patológica com os adultos que são significativos para essa pessoa, seriam em tese os principais responsáveis pelos problemas sexuais do adulto.

Uma vez que a psicanálise, como prática terapêutica, não se dirige aos sintomas, o paciente é convidado a falar, sem restrições, o que lhe vem à mente, em um movimento de busca de sentido. Dentro desse movimento, ocorre a passagem de um registro simbólico de palavra daquilo que se manifesta pela via do sintoma. O sentido do sintoma é estabelecido pelo próprio movimento do sujeito na construção de sua verdade e na reconstrução de seu passado. De início, portanto, é impróprio determinar diagnósticos. São inumeráveis os questionamentos e as críticas que se fazem ao entendimento psicanalítico sobre questões que envolvem a sexualidade, sobre a exclusividade de suas interpretações como única forma de ver esses assuntos e, principalmente, sobre os resultados terapêuticos. Explicações sobre as perversões em geral, a visão e o enquadramento da homossexualidade dentro das perversões, a diferença entre o orgasmo clitoriano e o vaginal - sendo este passo da infância para a adolescência uma evidência de normalidade nas mulheres adultas - são algumas das múltiplas contestações.

Além disso, muitos se opõem à enorme demora em se chegar a melhoras imediatas, tão ansiadas pelas pessoas, o que se compreende por apresentarem elas queixas sumamente incômodas para seu dia-a-dia, no mundo atual. Não é fácil ser possuidor de uma impotência e ter que aguardar anos para se encontrar em condições de atuar e de se sentir bem. Sabe-se também que a livre associação, muitas vezes, não faz emergir material relacionado às sensações associadas a experiências sexuais específicas. O analista não perguntará, por exemplo, sobre a masturbação, cujos conflitos são tão importantes de serem debatidos e curados, por estarem imiscuídos, em grande parte, com a problemática sexual. E não há dúvidas de que a relação entre um sintoma e sua psicodinâmica é muito estreita. Pela psicanálise, portanto, leva-se meses ou anos para que alguém se libere de uma disfunção porque não se trabalha o sintoma, o que aceleraria a sua remissão.

COMPORTAMENTALISMO

A proposta do comportamentalismo é a retirada do sintoma e a reeducação sexual para aquilo que o indivíduo considera sua felicidade, seu equilíbrio e seu bem-estar. É esta a meta a que o sujeito deseja chegar e é preciso atuar imediatamente para conseguir esse objetivo. As queixas sexuais não são tratadas de forma diferente de qualquer queixa de outra natureza e os preconceitos e as técnicas do comportamentalismo são os aplicados de uma maneira geral.

Seria isto, apenas, o necessário para eliminar qualquer tipo de problema sexual que, como se sabe, possui tantas possíveis origens? E, mesmo que tal ocorresse, poder-se-ia considerar como tal o “tratar” alguém sexualmente? Os mesmos questionamentos se aplicam às demais correntes e técnicas psicoterapêuticas que se seguem.

ANÁLISE TRANSACIONAL

Através da regressão, a AT trabalha procurando a criança que o adulto foi, informando-se dos mandatos, explicando o que houve e fazendo o caminho de volta. O tratamento se centraliza, portanto, na dissipação dos mandatos. A AT deu uma grande contribuição à ciência do comportamento quando analisou e deu ênfase às carícias e à detecção dos jogos. No posicionamento sadio frente a eles, na utilização correta das carícias, enfim, com os recursos técnicos da AT se consegue a remissão das queixas, a boa atuação frente a situações sexuais?

PSICODANÇA

A psicodança utiliza o contato como a maior fonte de carícia positiva incondicional. Segundo esta técnica, considera-se a função do contato como terapêutica para os problemas de ordem sexual, porque se crê que o contato corporal e, em especial, a carícia ativa mobilizam, transformam e reforçam o conteúdo de nossa identidade. Contato, movimento e afeto dentro de uma atmosfera de regressão (semi-transe) são a meta fundamental das terapias de contato e assim atuam para a resolução de todos os distúrbios da sexualidade.

Seria este tipo de trabalho suficiente para estruturar alguém e sanar todas as dificuldades de relacionamento interpessoal dentro da esfera da sexualidade? Dar condições a um exibicionista. nor exem-

plo, de ver-se livre de sua compulsão ou levá-lo a um nível de controle e convivência social que lhe seja adequado? Assim, um homem consegue controlar sua ejaculação?

BIOENERGÉTICA

É uma terapia de autodescoberta que lida com os aspectos passados do indivíduo através das marcas registradas no corpo, que são defendidas pela impenetrável couraça das tensões musculares. Seu objetivo não é apenas tratar o sintoma, mas também permitir que o sujeito entre em contato consigo mesmo, com seu corpo e, através dele, com sua mente. Exclui a mente dissociada do corpo.

Para a bioenergética, a queixa sexual é vista como um sintoma e não se pretende tratar algo isolado e sim a pessoa como um todo. Trabalha o indivíduo no sentido de fazê-lo dissolver a rigidez muscular e se tornar sadio, deixando a energia circular, sem mantê-la bloqueada nos órgãos genitais ou nas áreas de tensão. Surgem dúvidas objetivas a respeito de dar condições ao pleno funcionamento sexual de um homem ou de uma mulher, ou a respeito de seu desempenho, quando se analisa a linha de trabalho da bioenergética.

GESTALT

A sexualidade é uma dentre muitas possibilidades de relação do homem no mundo. É, portanto, uma manifestação relacional, uma possibilidade de “ser com o outro no mundo”. Segundo a gestalt, quando a sexualidade é vivenciada não como uma possibilidade de relação, mas sim como uma necessidade a ser satisfeita, o outro passa a ser instrumentalizado para isso, surgindo assim os tabus, os dogmas, os preconceitos, as normas de certo e errado e as discriminações. Como a sexualidade é vista dentro do conceito de relação, a masturbação, por exemplo, é considerada uma atitude patológica por ser auto-referenciada e não autêntica. E os desvios sexuais são encarados não como sinônimo de anormalidade, no sentido estatístico da média, ou entendido o normal/anormal como certo/errado em um contexto valorativo. As perversões são analisadas quanto à autenticidade ou inautenticidade relacional, como participação ou omissão do outro. Sendo assim, o desempenho da função sexual vai depender da estrutura relacional, da disponibilidade ou então do auto-referenciamento. O que importa é a participação com o outro.

A terapia gestáltica se realiza através do diálogo entre o paciente e o terapeuta, em um movimento de tese e antítese, e não propõe técnicas específicas para a solução dos distúrbios sexuais.

Mudando-se a estrutura relacional, a disponibilidade ou o auto-referenciamento sanam-se todas as ansiedades do paciente? Transformá-lo fará com que supere ou aceite a sua insuficiência de desejo, por exemplo? Como fica ele frente à sua incontrolada pedofilia? E suas necessidades masturbatórias, quando não dispõe de um companheiro ou companheira, como serão encaradas e administradas?

PSICODRAMA

Historicamente, o psicodrama representa o ponto culminante na passagem do tratamento do indivíduo isolado para o tratamento do indivíduo em grupo, do tratamento do indivíduo por métodos verbais para o tratamento por métodos de ação. A técnica proposta por Moreno foi baseada no desempenho de papéis e a função do papel é “penetrar no inconsciente, desde o mundo social, para dar-lhe forma e ordem”. Realiza valiosas observações em todos os estados emocionais de duas pessoas que se interrelacionam em uma atividade comum. No ato sexual, por exemplo, os mecanismos utilizados para iniciar e concluir as fases preparatórias revelam uma dinâmica interpessoal característica. A atitude sexual, segundo Moreno, pode desenvolver-se de um modo mais débil em um companheiro que no outro, ou pode ter uma duração mais limitada em um que no outro ou pode ainda dissipar-se em algum dos dois antes do momento psicológico. Por qualquer uma dessas razões, os momentos em ambas as pessoas não se harmonizam, gerando, como resultado, várias formas de ansiedade, refletindo assim na estrutura momentânea da situação interpessoal. Segundo Moreno, as pessoas raramente retratam o desenvolvimento de suas relações sexuais no palco. Para ele, o ato sexual deve ser encarado como uma situação psicodramática, utilizando-se recursos, no processo de aquecimento preparatório, de imagens auxiliares, principalmente visuais, auditivas e motoras.

Na teoria do psicodrama, muitas questões relativas à sexualidade não possuem respostas e o mesmo ocorre com muitas outras teorias e técnicas psicoterapêuticas. O psicodrama não tem uma teoria sexual elaborada e a sexualidade é trabalhada da forma que aparece no contexto dramático, valendo-se dos instrumentos característicos dessa linha de atuação. Se há tanta dificuldade em dramati-

zar o ato sexual, como trabalhar os desencontros, as indefinições, as incompatibilidades sexuais?

PSICOLOGIA HUMANISTA

Essa técnica vê a sexualidade não como algo que diz respeito unicamente aos genitais e sim uma experiência que envolve o corpo como um todo. Não há uma forma específica de trabalhar os problemas sexuais. Já que o ser é visto como um todo, o trabalho nessa linha corresponde ao desenvolvimento e ao crescimento pessoais a partir dos níveis físico, emocional e mental. As questões sexuais são tratadas dentro de uma abordagem de integração. Os mesmos questionamentos levantados em relação às demais técnicas podem ser colocados frente à psicologia humanista-

TERAPIA SEXUAL

Ainda hoje continua a haver uma grande divergência de enfoques em relação ao que uns e outros consideram como terapia sexual, seus objetivos, nível e forma de atuação, o que, no fundo, tem como base a formação acadêmica do profissional.

Deve a terapia sexual ficar apenas na remissão dos sintomas, mesmo quando o paciente a procura apenas para isto? Deve-se ir adiante quando se percebe que ele necessita de ajuste em vários outros aspectos além do desempenho sexual? É direito do terapeuta agir assim ou deve apenas conscientizá-lo do que seria válido para ele?

Conceito Moderno de Terapia Sexual

Qualquer que seja a forma de se encarar a quem e a que se destina a terapia sexual, qualquer que seja a extensão do trabalho a ser feito, sem sombra de dúvidas a regularização da atividade sexual se faz indispensável. Ela é o motivo básico pelo qual a maioria das pessoas procura um terapeuta sexual e na realidade não se pode entender que alguém, nos dias de hoje, fique mais tempo que o necessário para conseguir este objetivo tão essencial. O ser humano é um binômio corpo e mente, num verdadeiro sistema de vasos comunicantes em que um setor interfere e influencia no outro. Ambos os integrantes do ser podem ser atingidos por transtornos orgânicos ou

psicológicos e a interferência de uns nos outros é incontestável. Um quadro orgânico traz repercussões psicológicas e o oposto também se dá. Já há muito a psicossomática vem demonstrando isto.

A visão que se tem das diversas patologias que atingem o homem vem sofrendo mudanças com o perpassar dos anos. Antigamente, quando ainda não se dava valor às conseqüências dos traumas e conflitos psicológicos da formação de um indivíduo em sua vida adulta, tudo era considerado “doença orgânica”. Depois de Freud passou-se, gradualmente, ao pólo oposto, para o “psicologismo”, no qual qualquer distúrbio era considerado: “psicológico”, não se levando em conta possíveis componentes orgânicos em um processo patológico que atingisse a pessoa. Hoje, com as novas técnicas de investigação clínica e de laboratório no campo da eletrônica, da biologia molecular, da bioquímica, da engenharia genética, enfim, com os recursos da tecnologia moderna disponíveis, percebe-se que não se pode continuar cometendo este erro. E, sendo assim, faz-se indispensável investigar devidamente qualquer que seja a situação problemática que um indivíduo apresente, para que se possa discernir bem as causas que a ela são pertinentes, tendo-se sempre em conta que elas podem ser mais de uma e estar ligadas umas às outras. Há que se evitar erros que gerem o retardamento ou a não superação do que poderia, se bem pesquisado e bem orientado, ser perfeitamente solucionado. Procedendo-se corretamente, causas orgânicas podem ser detectadas e devidamente tratadas com os recursos terapêuticos modernos, dando condições ao homem e à mulher de executarem e aproveitarem satisfatoriamente o ato amoroso.

E a parte psicológica? Deve o terapeuta sexual restringir-se apenas às causas psicológicas que atuam sobre o indivíduo e que estão relacionadas ao sintoma, motivo de sua procura à terapia? Deve apenas remitir a queixa? Deve seu trabalho limitar-se exclusivamente a “curar” as disfunções? O que se deve fazer com os portadores de uma perversão sexual? E os que não apresentam transtornos na cópula, porém os possuem em outra manifestação de seu relacionamento interpessoal, nos vínculos afetivos ou em sua atuação profissional, por exemplo?

Definimos a terapia sexual baseados no que entendemos como a sexualidade de um ser humano, ou seja, toda a sua vida afetiva, emocional e relacional. Não podemos defendê-la e encará-la com o objetivo de fazer com que alguém se tome potente ou se livre de uma frigidez, obtenha o orgasmo no coito ou então consiga controlar seu froturismo. Descartando um possível componente orgânico, é de primordial importância, sem dúvida, a atuação psicoterapêutica porque se constitui, como qualquer outra forma de psicoterapia, em

uma ajuda à auto-realização. A presença ativa e real do terapeuta adequado assegura a força necessária para seguir no caminho acidentado, cheio de imprevistos, na direção do auto-encontro e do encontro com o(s) outro(s).

A terapia sexual é uma terapia eclética na medida em que recorre ao auxílio de diversas técnicas psicoterapêuticas. Ela possui uma estrutura própria, só que esta é formada através do que há de adequado em diversas linhas de atuação para ser colocado em benefício dos que a ela recorrem. Longe disso, ser maléfico é de uma grande sabedoria. Sua espinha dorsal é analítica e não poderia ser diferente por ser fundamental na descoberta e no trabalho sobre as causas dos traumas, dos conflitos, das limitações e dos desencontros da pessoa consigo mesma e com o(s) outro(s).

A pesquisa de um possível componente orgânico concomitantemente à atuação do *insight* são as primeiras, mais lentas e minuciosas manobras postas em prática. O paciente necessita se sentir amparado, porém consciente de que é com calma, com tempo necessário e apenas bastante gradualmente que irá ser alvo dos benefícios do equilíbrio que tanto busca. Conflitos intrapsíquicos inconscientes, dificuldades sérias nos vínculos, por exemplo, só podem aflorar, ser compreendidos e melhor trabalhados na linha analítica. É por esta razão que a formação e o domínio da técnica analítica é indispensável a um terapeuta sexual. Entretanto, também é fundamental o conhecimento para a devida aplicação, em muitas situações, de recursos de terapia de casal assim como a utilização de técnicas comportamentais no momento adequado. Não se pode deixar de considerar a importância do “aqui e agora”, dos fatores imediatos provenientes mais do hoje que de épocas remotas. A psicologia humanista, a bioenergética, a gestalt, a psicodança, a AT, enfim, todas as demais técnicas fornecem elementos de trabalho enriquecedores da linha básica da técnica utilizada pelo terapeuta sexual e devem ser postas em ação sempre que sejam úteis. Faz-se necessário que os terapeutas estejam abertos a novas aquisições, a fim de poderem utilizar os recursos que serão muito benéficos para muitos de seus pacientes. Parece que o segredo de um bom resultado reside apenas em aplicar esses recursos no momento adequado, nem cedo nem demasiado tarde, para não desperdiçar um auxílio que pode ser de grande valia.

Literatura e educação são também armas disponíveis. A literatura tem que ser condizente com a capacidade intelectual, mas sobretudo deve estar em acordo com os valores ético-morais e religiosos de quem a utiliza. Um livro que pode ser “libertador” para uma pessoa consegue ser “nocivo” para outra, um verdadeiro alibi reforçador de seus mecanismos repressores. Como educação deve-se entender,

num sentido bem amplo, uma reformulação “da cabeça e do corpo”, em uma total reciclagem do conhecimento e de enfoques. O corpo precisa ser aceito e valorizado tanto quanto o espírito. Sendo assim, recursos de técnicas terapêuticas - que auxiliam a aceitação corporal, o incremento sensorial e a liberação da sexualidade - são tão úteis quantos aqueles que tentam liberar o indivíduo dos freios castradores do somatório de reforços negativos sobre sua sexualidade, adquiridos desde o começo de sua existência e que são responsáveis por seus mecanismos de contenção, pelos inibidores da vivência plena de sua sexualidade. A tudo isto se junta a ajuda de medicações quando necessárias e das intervenções cirúrgicas.

Tecnicamente, quando parar a terapia?

A terapia pára quando o indivíduo e/ou o parceiro estiverem se sentindo equilibrados. Se o terapeuta prevê que a não superação de certos conflitos existenciais não puderam ser aprofundados, trabalhados e superados, e que isto pode trazer repercussões futuras, parece lógico chamar a atenção para a necessidade de continuação do processo terapêutico, mesmo que se tenha chegado a um nível plenamente satisfatório.

Apesar das defesas e das resistências compreensíveis, os resultados têm-se mostrado muito bons e promissores. Uma regularização, mesmo que meramente copulativa, numa parceria que se torna solta, livre, aberta, em que cada um se aceita e aceita o outro, se assume e faz o que gosta diante do outro, sem barreiras, e auxilia o outro em suas gratificações, gera uma sedimentação no relacionamento, que se faz evidente também fora da parte sexual.

A terapia sexual sob a perspectiva que defendemos, valendo-se dos métodos modernos de investigação, cuidando do orgânico e do psíquico, através da associação de técnicas e recursos terapêuticos, se mostra muito eficaz não apenas para o tratamento das disfunções. O exercício clínico diário mostra os benefícios de se ver o paciente como um todo orgânico único, que se relaciona com o outro e com o mundo. A atuação com base em uma integração de técnicas, principalmente pela intervenção em diferentes níveis do psiquismo, se mostra bem mais efetiva do que atuar apenas no nível do sintoma ou no nível das causas mais profundas.

Conversando sobre Sexualidade Masculina **3**

Marcos Ribeiro¹

Incrível! Mas ainda hoje - depois de tantas e tantas reflexões - na maioria das conversas masculinas, uma questão tem sido bastante freqüente: a preocupação com o pênis. Mas não como fonte de prazer e sim como desempenho. E só.

E o mesmo acontece, também, na maioria das cartas masculinas que recebo: seja para a coluna de sexologia que assino no jornal O Dia² ou no quadro Educação Sexual que apresento dentro da programação da rádio Manchete³.

São homens querendo saber se o tamanho do pênis influencia (jamais questionam sobre o tamanho do carinho), outros preocupados com o desempenho e há, ainda, aqueles que transformam cada relação em um prêmio que prova a própria masculinidade. Interessante perceber que a maioria dos (desses) homens não fala ou não parece incomodar-se com o afeto da relação, com a satisfação da parceira ou mesmo com o envolvimento amoroso que uma relação pode proporcionar.

Parece que muitos homens não têm uma relação sexual, mas uma *ralação sexual*, quer dizer, é um ralar de corpos sem nenhum

1. Psicólogo. Consultor em Educação Sexual.

2. O Dia é o jornal de maior público leitor do Rio de Janeiro, com uma média de 500.000 (quinhentos mil) leitores. A coluna de sexologia é publicada semanalmente, aos domingos, dentro do Caderno "D"

3. O quadro Educação Sexual é levado ao ar, duas vezes por semana, dentro de um dos programas de maior audiência do Rio de Janeiro na rádio Manchete-AM.

Recebido em 15.02.91

Aprovado em 05.03.91

contato mais profundo. A gente pode afirmar - sem medo de errar(?) - que o homem dissocia sexo de afeto. É como se afeto fosse “coisa de mulher”.

Enquanto a mulher se preocupa com a qualidade, o homem está mais voltado para a quantidade: a quantidade da transa, a quantidade da cantada, quantas conseguiu dar e por ai afora...

A vida sexual do homem é sempre uma aventura em busca do proibido, do misterioso. O problema é chegar lá, conseguir alguma coisa e sumir. Os homens costumam encarar o sexo de uma maneira estritamente sanitária. Reduzem o prazer a uma simples troca genital, sem a ousadia (por medo?) de enfrentar o que existe de opressivo em sua própria sexualidade.

A verdade é que é duro ser homem.

Pensando nessa dureza que bem caracteriza o mundo masculino, amolecida por privilégios, muitos homens ainda estão ligados a essa postura, a esse papel que infla o ego, mas que esvazia os prazeres dos mais legítimos. Pois, exercer este domínio, esta incompetência tão característica em relacionar-se com igualdade (e os homens obrigam-se a serem tão competentes, não é verdade?) é algo que grita com estardalhaço, que ensurdece emoções, sentimentos, encontros. Virtualmente: diminui o espaço humano e os potenciais de prazer, de sensações.

Este homem a que estou me referindo não aprendeu a gostar do próprio corpo, a percebê-lo como um ser inteiro. E, se pensarmos bem, a grande maioria dos homens fala com grande desenvoltura do seu pênis, das suas experiências sexuais, mas são muito inibidos no que diz respeito ao corpo como um todo. Embora possa parecer estranho à primeira vista, os homens normalmente se referem ao corpo na terceira pessoa: “ele”; “ele vai, ele vem”, tal como o pênis no ato sexual. Essa afirmação vem confirmar a identificação que os homens fazem do seu corpo com uma parte dele, o pênis.

E enquanto os homens fazem esse corte entre pênis e corpo, as mulheres chamam o seu corpo de “eu”: “eu vou, eu gosto, eu ando...”, isto é, identificam-se com ele. Não há entre elas, pelo menos com tanta força, uma distância com o próprio corpo. Os homens, não! O seu corpo é o seu pênis!

Se pararmos para pensar, veremos que o homem goza mais com os amigos do que com a própria mulher. Isso porque quando encontra-se com o(s) amigo(s) no bar, fala de sexo muito mais como prestígio pessoal do que como puro prazer. O bom não é o contato, é o contar...

Qual o homem que se preocupa mais com seus sentimentos do que com o desempenho sexual?

Qual o homem que diz não para uma transa, porque está sem vontade, sem tesão?

Qual o homem que admira a beleza de um outro homem?

Qual o homem que se toca e acaricia o próprio corpo?

Qual o homem que percebe as suas nádegas como “parte” do seu corpo?

Muito poucos, não?

Pois é, qual de nós - homens - não tem (ou teve) vontade de abraçar e tocar o amigo e ficar assim, abraçado e chorando e falando das próprias dificuldades?

Mas não dá, não é mesmo? Logo vem o “rótulo” e a masculinidade não deve ser questionada em nenhum segundo.

É um processo. A transformação é lenta. Mas não podemos negar que já foi mais duro antes. E alguns homens mais sensíveis a estas questões estão tentando. O caminho é duro (são séculos de vantagens e privilégios), o rompimento da estrutura é pesado e os “olhares” estão à toda volta.

Mas é importante não nos esquecermos que a gente pode a deve ser o que é, tranqüilamente, sem necessidade de esconder coisa nenhuma, sem medos, sem ter que dar “provas de macho” ao viver essa coisa tão bonita que pode ser nossa sexualidade. O próprio corpo e a sexualidade não devem ser razão para oprimir ninguém. Deve ser praticado com fraternidade.

Só sabendo amar, cara a cara, corpo a corpo, sem privilégios, a gente aprende a amar a liberdade.

Trabalhos
de
Pesquisa

Masturbação em Estudantes Universitárias: Atitudes e Referência **1**

Daisy de Castro Alves¹
Tânia Regina de Assunção Pereira²
Oswaldo Martins Rodrigues Júnior³

RESUMO

ALVES, D. C.; PEREIRA, T. R. A.; RODRIGUES Jr., O. M. Masturbação em estudantes universitárias: atitudes e referência. R. B. S. H. 2(1): 1991.

Objetivando atualizar o conhecimento da visão feminina sobre a prática da masturbação, desenvolveu-se um questionário que incluía a pesquisa das motivações para a prática masturbatória junto a estudantes universitárias.

A masturbação, em especial a feminina, geralmente foi considerada negativa e não adequada até mesmo por cientistas renomados até o início deste século, quando passou a ser mais tolerada e então, atualmente, considerada normal ou natural.

A prática da masturbação foi referida por 45% das universitárias, motivada por autoconhecimento (36%). A não prática da masturbação foi referida por falta de necessidade (52%). O clitóris é a região estimulada preferencialmente (60%) com as mãos (46%). A obtenção de prazer em níveis corporais conjunto a níveis emocionais foi a forma mais referida (47%). A masturbação solitária é preferida (62%) devido à privacidade (36%) ou vergonha (21%).

Palavras-chave: masturbação feminina; atitudes de estudantes universitárias.

1. Graduanda em Psicologia pelas Faculdades São Marcos (SP).

2. Graduanda em Psicologia pelas Faculdades São Marcos (SP).

3. Psicólogo; psicoterapeuta sexual do Instituto H. Ellis; professor assistente de Teorias e Técnicas Psicoterápicas II das Faculdades São Marcos (SP).

Recebido em 24.09.90

Aprovado em 02.10.90

SUMMARY

ALVES, D. C.; PEREIRA, T. R. A.; RODRIGUES Jr., O. M. Masturbation among college students women: attitudes and references. R. B. S. H. 2(1): 1991.

In order to up date the knowledge of the feminine point of view about masturbation a questionnaire was developed the search for motivations for this sexual behavior among female college students.

Masturbation, speacially feminine, has been negatively considered and not adequated even by well known scientists until the begining of this century, then came to be considered normal or even natural up today.

The practice of masturbation in the present was refered by 45% of the college students, motivated by self knowledge (36%). The female college students that refered not to practice masturbation pointed the lack of need (52%) as justification. The clitoris was the part of the genitals preferred for self stimulation (60%), mainly with the hands (46%0). The pleasure obtained was refered in both levels body, and emotional altogether (47%). Solitary masturbation was the most refered (62%) due to privacy (36%) and shame (21%).

Key-words: female masturbation; college students attitudes.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo atualizar o conhecimento da visão feminina sobre a prática da masturbação. Dentro deste objetivo inclui-se procurar saber o(s) motivo(s) que leva(m) as mulheres a praticarem a masturbação.

Para se entender o hoje faz-se necessário conhecer o ontem; tendo em vista isto, pode-se afirmar que em todos os tempos a masturbação desempenhou um grande papel.

No início era considerada como um ato praticado apenas pelo sexo masculino; com o decorrer do tempo admitiu-se também que as mulheres a praticavam e a esta foram atribuídos alguns sinônimos: siririca, dedilhar o violão, etc. (Costa, 1986).

Nos povos primitivos a masturbação era vista como um fenômeno natural e normal. Já na Antiguidade era considerada, de um modo geral, uma das possíveis formas de obtenção de prazer, cabendo destacar os gregos que apenas a toleravam.

Chegando na Idade Média, a visão transformou-se com o advento do Cristianismo, quando, a partir do século XI, foi considerada uma heresia pela Santa Inquisição que julgava os praticantes da masturbação como “pecadores” e esses corriam o risco de serem queimados em fogueira numa grande festa de purificação.

Na Idade Moderna, a repressão à masturbação teve duas conotações, ou seja, num primeiro momento, adquiriu uma perspectiva moralizadora onde surge a primeira obra literária sobre o assunto escrita pelo ex-sacerdote Becker. Já num segundo momento, passa a ter uma conotação médica, sendo atribuídas, por Tissot, conseqüências graves que iam desde impotência, passando pela loucura e cegueira, podendo chegar à morte (Costa, 1986). O combate à masturbação era feito com bases religiosas e sentimento de culpa, sendo exercido de modo severo. Aparecem tratamentos para curar “o mal”.

Chegando à Idade Contemporânea, no século XIX, a visão médica passa da cura para a repressão punitiva e preventiva. A partir de então, as meninas passam a receber uma cirurgia que consistia em cortar e costurar os lábios vaginais deixando apenas um pequeno orifício para a saída da urina a do mêsruo (Costa, 1986).

Em 1895, Freud escreveu que a masturbação causava neurastenia e acreditava que a masturbação tinha efeitos tóxicos, inclusive com alterações orgânicas permanentes em diferentes partes do corpo (Pereira, 1982). Essa visão começa a mudar com a reflexão analítica, passando a ser considerada como um ato necessário para uma boa evolução do indivíduo. No decorrer deste movimento, Freud admitiu a atividade masturbatória, ressaltando apenas o perigo da masturbação clitoriana, justificando que com esta prática a mulher não conseguiria obter orgasmos vaginais, mantendo-se infantil a imatura sexualmente. Mais tarde, reformula sua idéia sobre este assunto, admitindo ser inadequada sua antiga postulação.

O sentido e a interpretação da noção de masturbação ampliaram-se no decorrer do século XX. Nessa viagem pela história são dadas diferentes conotações para a masturbação, no entanto quase todas enfatizavam que os órgãos sexuais deveriam ser utilizados somente tendo como objetivo a reprodução, exceto para o que eles entendiam como “necessidade fisiológica” e nunca como fonte de obtenção de prazer.

MATERIAIS E MÉTODOS

A amostra utilizada neste trabalho foi de 116 estudantes de um curso de Psicologia de uma faculdade privada, dentro da faixa etária de 18 a 30 anos.

Nestas universitárias foram aplicados questionários que continham oito questões, sendo sete com respostas de múltipla escolha onde se fazia necessário, em uma delas, uma justificativa e uma questão aberta.

O questionário desenvolvido para este trabalho foi embasado nos dados descritos por Hite (1976).

A primeira folha do questionário continha o assunto em questão (Sexualidade Feminina) a não o tema em si (Masturbação Feminina), a descrição do objetivo da pesquisa, a garantia do sigilo, os agradecimentos pela colaboração e a solicitação da idade (vide Anexo 1).

Na segunda folha foi descrita a masturbação feminina e apresentava oito questões. A primeira objetivava conhecer a incidência da masturbação nesta amostra de universitárias. A segunda questão visava conhecer os motivos para prática ou não da masturbação. A terceira e a quarta questões objetivaram a forma de masturbações preferida pelas questionadas. A quinta questão referia-se ao nível de obtenção de prazer por masturbação. A sexta, por sua vez, visava a preferência da masturbação com ou sem companhia. A questão sétima visava detectar outros sentimentos negativos e/ou positivos associados à masturbação. A última questão objetivava a opinião das respondentes quanto às consequências da masturbação.

Procedeu-se ao levantamento das freqüências das respostas às perguntas.

RESULTADOS

Dos 116 questionários entregues às universitárias, três foram devolvidos em branco (2,58%).

As universitárias respondentes (113) distribuíram-se quanto à idade da seguinte forma: 56 possuíam de 18 a 20 anos (49,56%); 43 estavam entre 21 e 25 anos (38,05%) e 14 situavam-se entre 26 a 30 anos (12,38%).

Constatou-se que 21,23% das universitárias praticaram a masturbação (83,33% na fase da adolescência e 8,33% durante a infância), sendo que 8,33% não respondeu, 45,13% prática e 32,74% nunca se masturbou (vide Tabela 1).

A razão de procura da masturbação pelo autoconhecimento foi apontada por 35,48%, como forma alternativa de obtenção de prazer por 24,73%. Em contrapartida, a não prática da masturbação ocorre, segundo as respondentes, na maioria das vezes por falta de necessidade (52%), seguida pelo fator de falta de interesse (34%), sendo que 1,37% não respondeu (vide Tabelas 2 e 3 para os dados de menor freqüência).

Tabela 1 – Ocorrência da prática masturbatória na vida universitária paulistana.

Ocorrência da Masturbação	Número de Universitárias	(%)
No passado	24	21,23
No presente	51	45,13
Não ocorrência	37	32,74
Não respondeu	1	0,88
Total	113	100%

Tabela 2 – Razões para prática de masturbação por universitárias paulistanas.

Razões para a Masturbação	Número de Universitárias	(%)
Autoconhecimento	33	35,48
Curiosidade	15	16,12
Complemento sexual	15	16,12
Alternativa de prazer	23	24,73
Rapidez de satisfação	7	7,52
Total	93	100%

Tabela 3 – Razões para a não prática da masturbação por universitárias paulistanas.

Razões para a não Prática da Masturbação	Número de Universitárias	(%)
Falta de necessidade	26	52
Falta de interesse	17	34
Moralismo	3	6
Medo	2	4
Religião	2	4
Total	50	100%

Já no que diz respeito à zona genital preferida pelas universitárias para estimulação masturbatória aparece liderante o clitóris com 60,22%, seguido da vulva com 18,18% (vide Tabela 4 para os dados de menor frequência).

Tabela 4 – Região do corpo preferida para a masturbação por universitárias paulistanas.

Região do Corpo	Número de Universitárias	(%)
Clitóris	53	60,22
Vulva	16	18,18
Intravaginal	7	7,95
Ânus	1	1,13
Não respondeu	11	12,50
Total	88	100%

No tocante à forma de provocar a estimulação destas regiões, temos uma preferência da estimulação feita apenas com as mãos que soma 46,06%; na seqüência surge a contração muscular com 22,47%, sendo apenas de 1,12% a incidência da estimulação através da penetração (vide Tabela 5 para os dados de menor frequência).

Tabela 5 – Formas de masturbação por universitárias paulistanas.

Formas de Masturbação	Número de Universitárias	(%)
Estimulação manual	41	46,06
Contração muscular	20	22,47
Uso de objetos macios	10	11,23
Ducha do chuveiro	8	8,98
Uso de objetos intravaginais	1	1,12
Não respondeu	9	10,11
Total	89	100%

Quanto ao nível de obtenção de prazer, a junção do nível corporal com o emocional apresenta maior referência (46,66%), enquanto que o nível corporal de prazer é referido por 37,33% e apenas 1,33% refere prazer em nível emocional (vide Tabela 6).

Tabela 6 – Obtenção de prazer comparando-se os níveis corporal e emocional por universitárias paulistanas.

Nível de Prazer na Masturbação	Número de Universitárias	(%)
Nível físico e emocional	35	46,66
Nível físico	28	37,33
Nível emocional	1	1,33
Não respondeu	11	14,66
Total	75	100%

A opção entre masturbar-se só ou acompanhada apresentou uma diferença de porcentagem acentuada, sendo que 62,19% prefere praticá-la só, alegando como motivos: privacidade (36,36%), vergonha (21,21%), suprir uma falta momentânea (15,15%), autoconhecimento (12,12%), maior intimidade (9,09%), medo de preconceito e maior prazer (cada, 3,03%). Em contrapartida, 26,82% prefere masturbar-se acompanhada pelo sexo oposto alegando para tanto: forma de mostrar ao parceiro o que ocasiona maior prazer (42,85%), oportunidade de divisão de prazer e maior estimulação na relação (21,42%, cada), para o parceiro poder ajudar na obtenção do prazer (14,24%) (6% não justificaram esta resposta). Nove pesquisadas não responderam à preferência por masturbação só ou acompanhada (10,97%).

A referência de sentimentos positivos durante e após a masturbação é feita por 27,5% da amostra sendo estes: satisfação e liberação de tensão (18,18%, cada); contato consigo mesma, paz, autoconhecimento, leveza (9,09%, cada); relaxamento, euforia, afeto, sensualidade, bem estar, calma (4,5%, cada). Já os sentimentos negativos estão presentes em 21,25% de amostra: culpa (35,29%); vazio (23,52%); frustração, solidão (11,76%, cada); estranheza, vergonha, satisfação imediata que não acrescenta nada (5,88%, cada); a nenhum sentimento (12,5%). O total de respostas nulas foi 38,75%.

As atribuições dadas às conseqüências masturbatórias foram: saudáveis (60,8%); prejudiciais (12%); não há conseqüências (20,8%) (vide Tabela 7 para dados de menor frequência).

Tabela 7 – Conseqüências atribuídas à masturbação feminina por universitárias paulistanas.

Conseqüências Masturbatórias	Número de Universitárias	(%)
Saudável	57	45,6
Não há	26	20,8
Prejudicial mentalmente	6	4,8
Prejudicial espiritualmente	6	4,8
Saudável corporalmente	9	7,2
Saudável mentalmente	7	5,6
Saudável espiritualmente	3	2,4
Prejudicial	1	0,8
Prejudicial corporalmente	2	1,6
Não responderam	8	6,4
Total	125	100%

COMENTÁRIOS

As salas de semestres mais adiantados no curso de Psicologia foram as que mais se mostraram agitadas com a proposta da pesquisa, em especial as mulheres que ficaram fora da amostra devido ao limite pré-estabelecido para a idade (30 anos) que referiam alívio em não precisar responder à pesquisa.

Durante a aplicação dos questionários, os alunos do sexo masculino mostraram-se interessados e curiosos pela pesquisa e perguntavam sobre a possibilidade de serem pesquisados sobre o mesmo assunto.

Várias pesquisadas referiram verbalmente seu interesse e entusiasmo pelo assunto pesquisado.

Um dos questionários apresentou letra quase ilegível talvez à tentativa de não possibilitar o reconhecimento da respondente.

Creemos que a quinta questão sobre o nível de obtenção de prazer poderia ser melhor formulada, pois aparentemente pode ter sido entendida com dubiedade pelas pesquisadas.

CONCLUSÕES

Comparando-se a outras populações anteriormente estudadas, a porcentagem de estudantes que referem masturbação nesta amostra (45%) é menor que as citadas por Story (1982) onde, em estudantes

universitárias solteiras americanas, em 1974, encontrou-se 54% e, em 1980, 64%, apontando para um crescimento do hábito masturbatório; ou as porcentagens citadas por Hite (1976) que chegam entre 81 e 85% de mulheres que praticam a masturbação.

Aparentemente, a masturbação feminina entre estudantes universitárias não é uma prática tão comum comparada a outras populações e talvez até mais reprimida.

Aparentemente, a utilização e a finalidade da masturbação (obtenção de prazer, provocar estimulação erótica) encontram-se deturpadas, onde pessoas deixam de se masturbar ou apenas o fazem por curiosidade ou não conseguem referir o motivo pela qual o praticam.

A abertura sexual tão propalada pela mídia parece não alcançar ou influenciar o hábito da masturbação, ou ao menos em termos de incidência do hábito, entre uma população altamente educada (estudantes universitárias) e especializada (estudantes universitárias de Psicologia), onde há pré-suposição de serem pessoas mais liberais e liberadas, de "cabeça mais aberta", mais capacitadas para aceitar fatos novos e acompanhar as mudanças com mais facilidades que em outras populações.

ANEXO 1

(Folha 1)

Essa pesquisa tem como objetivo atualizar a visão feminina sobre o assunto tratado: "Sexualidade Feminina". Para tanto, chegamos à conclusão que o questionário seria o meio mais viável para saber-se o que outras mulheres estão pensando a sentindo sobre as mesmas coisas, especialmente porque quase nunca falamos sobre isso.

Será interessante que você responda a todas as questões sinceramente, pois cada uma delas é de suma importância para a conclusão final deste trabalho. Para garantir sua privacidade e liberdade de expressão esse questionário é anônimo.

Agradecemos de antemão a sua colaboração. Caso haja alguma dúvida e/ou curiosidade sobre esta pesquisa sinta-se à vontade para procurar-nos.

Daisy e Tânia

Com isso, o importante para nós será apenas a sua idade.
IDADE: _____

Para responder, achamos interessante dar o conceito de masturbação (assunto aqui tratado): busca de satisfação sexual pela auto-estimulação (ou mútuo) dos órgãos sexuais.

(Folha 2)

1. A masturbação:

- fez parte de sua vida. Quando? _____ faz parte de sua vida.
 nunca fez parte de sua vida.

2. Caso seja SIM por:

- autoconhecimento curiosidade complemento sexual
 mesmo tendo prazer com o parceiro, como forma alternativa de
obtenção de prazer
 rapidez da satisfação outros _____

Caso seja NÃO por causa de:

- falta de necessidade religião moralismo medo
 falta de interesse outros _____

3. Se você se masturba, prefere a estimulação:

- do clitóris vulvar (entrada da vagina) intravaginal
 anal

4. De que forma você se masturba?

- através da contração muscular com uso apenas das mãos
 com ducha de chuveiro com travesseiro, cobertor, objetos
macios, etc. com objetos que proporcionam a penetração
intravaginal. Quais? _____

- _____

 com objetos que proporcionam a penetração anal. Quais? _____
 outros:

5. Seu prazer durante a masturbação se dá:

- em nível corporal em nível emocional

6. Você prefere se masturbar:

- só acompanhada acompanhada do sexo oposto
 acompanhada do mesmo sexo indiferente
Por quê? _____

7. Além do prazer (caso ele esteja presente), há algum outro sentimento (negativo ou positivo) sentido durante e/ou após a masturbação?

Explique: _____

8. As conseqüências da masturbação são para você:

- () prejudiciais mentalmente
- () prejudiciais corporalmente
- () prejudiciais espiritualmente
- () saudáveis
- () não há

Por quê? _____

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. COSTA, M, *Sexualidade na Adolescência*. Porto Alegre, L & PM, 1986.
2. HITE, S. *O Relatório Hite*. 4ª ed., São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1976.
3. PEREIRA, A. *Vida Íntima - Enciclopédia do Amor e do Sexo*. 2ª ed., Volume 3, São Paulo, Abril Cultural, 1982.
4. STORY, M. D. A comparison of university student experience with various sexual outlets in 1974 and 1980, *Adolescence*, XVII 68, 1982.

Opinião de Estudantes Universitárias sobre Sexo Oral em Relações Heterossexuais **2**

Edilaine Manha Sanches¹
Luciana Di Lorenzo Teixeira²
Oswaldo Martins Rodrigues Júnior³

RESUMO

SANCHES, E. M.; TEIXEIRA, L. L.; RODRIGUES Jr., O. M. Opinião de estudantes universitárias sobre sexo oral em relações heterossexuais. *R. B. S. H.* 2(1): 1991.

Objetivando reconhecer a existência da prática do sexo oro-genital em relacionamento heterossexual entre universitárias de uma faculdade particular da Grande São Paulo, desenvolveu-se um questionário, aplicado a 100 universitárias com idade entre 18 e 30 anos.

A grande maioria referiu a prática do sexo oro-genital (82,95%), em especial como preliminares (70,12%), visando a excitação sexual (56,76%). A prática do "69" (estimulação oro-genital mútua) atingiu 69,01%. A cunilíngua é preferida à felação (54,69% contra 15,62%) pelo prazer obtido ao receber a estimulação oro-genital.

As estudantes que referiam não praticar o sexo oro-genital mostravam também certo desconhecimento da sexualidade humana e presença de concepções errôneas (a exemplo de não praticar sexo oral por ser virgem!).
Palavras-chave: sexo oro-genital; estudantes universitárias; cunilíngua; felação; sessenta-e-nove.

1. Graduanda em Psicologia pelas Faculdades São Marcos (SP).

2. Graduanda em Psicologia pelas Faculdades São Marcos (SP).

3. Psicólogo clínico; psicoterapeuta sexual do Instituto H. Ellis; professor assistente de Teorias e Técnicas Psicoterápicas II das Faculdades São Marcos (SP).

Recebido em 24.09.90

Aprovado em 02.10.90

SUMMARY

SANCHES, E. M.; TEIXEIRA, L. L.; RODRIGUES Jr., O. M. Opinion of colleges students women about oral sex in man-woman relations. *R. B. S. H.* 2(1):1991.

In order to recognize the habit of oral sex in man-woman sexual relations among female college students, a questionnaire was developed and one hundred college students among 18 to 30 years of age answered it.

The great majority of female college students referred to practice oral sex (82,95%), specially as preliminaries (70,12%) objecting sexual arousing (56,76%). The habit of "69" (mutual oral sex) was referred by 69,01%, cunilingus was referred better than fellatio (54,69 against 15,62%) for pleasure achieved,

The students that referred not to practice oral sex also showed certain unknowledge of human sexuality and wrong concepts (e. g., avoid oral sex because of virginity).

Key-words: oral sex; female college studentes; cunilingus; fellatio; sixty-nine.

INTRODUÇÃO

O objetivo do trabalho é conhecer a opinião de estudantes, do sexo feminino, de uma faculdade particular de Psicologia, na faixa etária entre 18 e 30 anos, sobre a prática do sexo oro-genital, ou Popularmente chamado de sexo oral, em um relacionamento heterossexual.

O sexo oral é a estimulação dos órgãos genitais do(a) companheiro(a) por meio de beijos e carícias diversas com a boca, lábios e língua (Civita, 1983).

Quando é a mulher quem recebe as carícias, a prática chama-se cunilíngua ou cunilingus. Cunilíngua vem de uma palavra alternativa para vulva em latim, *cunnus*, e da palavra latina para lambar, *lingere* (Carrera, 1981).

Carícias orais recebidas pelo homem chamam-se felação ou felatio. Felação vem do latim *fellare* que significa sugar (Carrera, 1981).

O sexo oral praticado simultaneamente por duas pessoas é vulgarmente chamado "sessenta-e-nove" (Carrera, 1981). Esta expressão figurada é, às vezes, evitada por ser considerada vulgar, mas não há sinônimo científico equivalente (Civita, 1983). Este nome se dá devido à posição dos corpos do casal parecer formar o número "69".

Na civilização ocidental, o sego oral sempre foi repudiado e praticado secretamente.

A atual mistura de nossas atitudes é nossa herança de séculos de interpretações de sábios e religiosos, muitos dos quais procuraram proibir o sexo oral por ser contra a lei divina (Carrera, 1981).

Através da História, muitas vezes o sexo oral era colocado de lado pelos heterossexuais, porque era encarado como um sinal de homossexualismo. Na Grécia Antiga e na Roma Clássica, ele foi visto primeiro como uma atividade homossexual masculina e em segundo lugar como uma atividade lésbica.

A prática do sexo oral era o principal indicador do homossexualismo a se fosse praticado por heterossexuais achava-se que denotava uma tendência para o homossexualismo (Carrera, 1981).

A civilização anglo-americana mostra que os contatos oro-genitais (entre pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto e no casamento ou não) são considerados como criminosos, muito embora raramente ameacem outrém ou seu bem na sociedade; são considerados como crime contra a natureza, o que quer dizer comportamento anormal ou perverso (Willy, 1961).

Acreditava-se que a prática do intercurso oral era de suma gravidade, pois envolvia “venenos geradores de esterilidade” e os que o praticavam eram quase tão culpados quanto os homicidas e os adúlteros, ocasionando penalidades que iam de três a 15 anos de prisão (Tannahill, 1990).

Nas diferentes épocas da Igreja Cristã, o agrado antes do coito e as diferentes posições tomadas durante as relações eram igualmente condenadas como perversão.

Certas igrejas admitem o agrado erótico, autorizando mesmo os contatos orais, sob a condição de que tais agrados não sejam considerados como fins, porém favoreçam a consumação da união dos parceiros (Willy, 1961).

A felação tem sido comercializada desde a Antigüidade. As prostitutas egípcias e fenícias maquiavam seus lábios para lhes dar a aparência e a cor dos pequenos lábios da vulva. Tal maquiagem era a indicação de sua extrema especialização na profissão e talvez buscassem estimular o homem, colocando, no rosto, uma réplica da entrada vulvar (Valensin, 1972). A felação tem sido objeto de inúmeras censuras. Freud considerava-a como patológica, embora ele lhe atribuísse “a mais inocentes das origens”, dizendo que seria a compensação de uma sucção infantil incompleta: o marido, não podendo praticar pessoalmente, se identificaria com a parceira (Valensin, 1972).

Na Antigüidade, a cunilíngua e o “69” figuravam em forma de

esculturas, estatuetas, mosaicos; vários escritores também se referem a elas, demonstrando que eram práticas corriqueiras (Valensin, 1972).

Existem muitos falsos conceitos sobre o contato da boca com o pênis e da boca com a vagina. Eis alguns deles: as pessoas que apreciam o sexo oral são homossexuais; o sexo oral provoca doenças venéreas; o homem que “chupa” faz isso por não satisfazer a companheira com seu pênis; a ingestão do sêmem pode causar gravidez; as pessoas casadas raramente praticam o sexo oral; a prática do sexo oral é sinal de imaturidade sexual (Carrera, 1981). O preconceito mais forte que envolve o sexo oral refere-se à idéia de tocar com a boca uma parte do corpo que serve para eliminar resíduos (Civita, 1983).

O fato é que a maioria das pessoas sente vontade, às vezes, de experimentar o sexo oral. Mas em muitos casos, provavelmente por causa do preconceito, acaba por reprimir esse desejo (Civita, 1983).

De acordo com Kinsey (1948, 1953), homens e mulheres referiram mais receber do que dar estimulação oro-genital.

A ocorrência de sexo oro-genital numa população adolescente tem se tornado mis freqüente e também é vista como forma de dar e receber estimulação sexual sem necessidade de fazer controle da natalidade e de correr risco de gravidez (Haas, 1979).

Um estudo realizado numa universidade americana (Story, 1980), comparando-se freqüência do sexo oro-genital numa população universitária feminina nos anos de 1974 e 1980, mostrou um crescimento de 72% para 82% na prática da felação e a prática da cunilíngua indicou 88% em 1974, abaixando ligeiramente para 86% em 1980.

Segundo as pesquisas de Haas (1979), Waterman e Chiuzzi (1982), uma minoria de garotas praticavam a felação somente porque o parceiro queria.

De acordo com Newcomer e Udry (1985), 42% de adolescentes do sexo feminino já haviam dado ou recebido estimulação oro-genital, sendo que 37% dessa população eram virgens; das virgens, 84% não havia praticado sexo oro-genital.

MATERIAL E MÉTODOS

A amostra utilizada compôs-se de 100 estudantes universitárias de um curso de Psicologia de uma faculdade particular, na

faixa etária entre 18 e 30 anos. Optou-se pela aplicação do questionário nestas estudantes, devido ao fato de provavelmente ser uma população mais homogênea do ponto de vista sócio-econômico e cultural.

O instrumento utilizado para a realização da pesquisa foi um questionário, através do qual garantiu-se o anonimato total das participantes, solicitando-se apenas a idade como dado pessoal e preservando assim sua privacidade (vide Anexo 1).

O questionário desenvolvido pelos autores consta de quatro partes: Parte 1: introdução do assunto; Parte 2: cunilíngua; Parte 3: felação; e Parte 4: "69". Estas partes comportam um total de 20 questões classificadas em abertas, de múltipla escolha e, às vezes nas duas formas.

O objetivo das questões 1, 2 e 3 foi o de saber qual é o ponto de vista das estudantes em relação ao sexo oro-genital; se essa prática faz parte da vida sexual delas e qual das formas de estimulação oral elas preferem.

A questão 4 visa saber a opinião quanto à preferência do sexo oro-genital como parte do jogo do amor (preliminar) ou prática que pode substituir o coito propriamente dito.

A questão 5 tem o intuito de saber se o sexo oro-genital é praticado a fim de provocar a excitação ou o orgasmo; se visa o orgasmo, com que frequência ele ocorre.

As questões 6 e 11, onde foi perguntado a respeito da estética e odor da região genital feminina e masculina, foram excluídas dos resultados da presente comunicação por não estarem relacionadas diretamente com o objetivo da pesquisa, que visa saber a opinião das estudantes universitárias a respeito da prática do sexo oro-genital num relacionamento heterossexual.

As questões 7, 12 e 18 foram feitas com o intuito de se saber como as universitárias se sentem em relação à prática da cunilíngua, felação e "69". Nas questões 8, 13 e 19, foi perguntado o que lhes agrada ou desagrada nestas práticas.

Nas questões 9, 14 e 20, objetivou-se saber a frequência com que as universitárias praticam cunilíngua, felação e "69" com seus parceiros.

Foi perguntado, na questão 10, se as estudantes universitárias são estimuladas oralmente pelos seus parceiros durante a menstruação com o objetivo de se saber a porcentagem de mulheres que mantêm ou não contato oral durante esse período.

A questão 15 tem como objetivo saber se as universitárias, ao praticarem felação, também sentem prazer ou se praticam apenas para proporcionarem prazer ao seu parceiro.

A questão 16 visa saber se as universitárias sentem mais prazer quando estimulam seu parceiro ou quando são estimuladas por eles.

A questão 17 tem o intuito de saber se as universitárias praticam com seu parceiro o sexo oral simultâneo e o porquê não praticam, para que se possa obter o índice de aceitação e rejeição da prática.

Os questionários foram aplicados em alunas do 2º, 3º a 5º semestres do curso de Psicologia. Pediu-se para as pessoas que se dispusessem a responder o questionário que o fizesse com a maior sinceridade possível. As que não se sentissem à vontade em respondê-lo poderiam entregá-lo em branco. Agradeceu-se a participação delas a então foram distribuídos os questionários, os quais, após o preenchimento, eram colocados num envelope sobre a mesa. Este envelope foi utilizado como uma forma a mais de garantir a privacidade.

Procedeu-se ao levantamento estatístico das frequências das respostas às perguntas.

RESULTADOS

O questionário foi respondido por 93% das universitárias pesquisadas; dentre estas, 82,95% afirma já ter praticado o sexo oro-genital. Das que referem a não prática do sexo oro-genital, 20% afirma ser virgem; 20% não teve estimulação para tal prática; 6,78% considera vulgar; 13,33% não possui parceiros e 6,78% julga necessário amor e confiança para fazê-lo e 33,33% não referiu motivos para a não prática.

Grande parte das mulheres considera a estimulação oro-genital como sendo boa quando ambos os parceiros se estimulam (81,33%), ao passo que algumas mulheres preferem ser estimuladas pelos parceiros (10,66%) e outras preferem apenas estimulá-los (8%). A questão referente a esta informação apresenta um índice de rejeição de 25%.

A maioria das universitárias prefere praticar o sexo oro-genital enquanto parte das preliminares (70,12%) (vide Tabela 1), ao invés de substituir a relação genital/genital (14,28%) (vide Tabela 2); sendo que 15,58% deu outras respostas (“depende do momento”, “parceiros inconstantes”, “faz parte da relação como um todo”). Um total de 23% das estudantes não respondeu à questão que se referia a tal informação.

Tabela 1 – Objetivo do uso do sexo oro-genital como preliminar por estudantes universitárias.

Objetivo	Número de Universitárias	(%)
Orgasmo	2	8,33
Estímulo para o coito	8	33,33
Faz parte da relação	5	20,83
Excitação	3	12,05
Prazer	2	8,33
É necessário para o coito	2	8,33
Várias etapas	1	4,16
Prazer no coito	1	4,16
Total	24	100%

Tabela 2 – Objetivo do uso do sexo oro-genital como substituto da relação genital/genital.

Objetivo	Número de Universitárias	(%)
Orgasmo	2	28,57
Depende do momento	2	28,57
Virgindade	1	14,28
Pode ser realizado no período fértil	1	14,28
Prazer	1	14,28
Total	7	100%

No que se refere ao objetivo do uso do sexo oro-genital como preliminar por estudantes universitárias, um índice de 55,55% das estudantes não respondeu a tal assunto, ao passo que 36,36% delas não se referiram ao objetivo do uso do sexo oro-genital como substituto da relação genital/genital.

No que diz respeito ao objetivo da prática do sexo oro-genital, 56,76% das universitárias o praticam visando excitação; 28,38% visam o orgasmo e 14,86% visam ambos, sendo que 26% das estudantes não responderam à questão que se referia a tal informação.

As atitudes sobre a prática da cunilingua, felação e "69" por estudantes universitárias estão descritas na Tabela 3, sendo que 26%

não respondeu à questão referente a cunilíngua, 31 % não respondeu a referente à feelação e 42% a referente ao "69".

No que se refere às razões pelas quais a prática da cunilíngua agrada estudantes universitárias, 49% não respondeu à questão, ao passo que 59% das estudantes não se referiram às razões pelas quais a prática da cunilíngua lhes desagradou (vide Tabelas 4 e 5).

Tabela 3 – Atitudes sobre a prática de cunilíngua, feelação e "69" por estudantes universitárias.

Atitudes	Cunilíngua		Feelação		"69"	
	Número de Universit.	(%)	Número de Universit.	(%)	Número de Universit.	(%)
Muito bem	40	54,05	31	44,93	25	43,10
Bem	28	37,84	28	40,55	24	41,37
Mal	4	5,40	3	4,35	2	3,34
Outros*	2	2,70	7	10,14	7	12,06
Total	74	100%	69	100%	58	100%

* Outros:

Cunilíngua: impaciente, nunca pratiquei.

Feelação: não, às vezes é bom, não me acostumei, regular, mais ou menos, inibida.

"69": normal, sentir mal, não pratico, estranho, às vezes é bom às vezes não, posição incômoda.

Tabela 4 – Razões pelas quais a prática da cunilíngua agrada estudantes universitárias.

Razões	Número de Universitárias	(%)
Tudo	18	35,29
Vários*	10	19,61
Excitação	8	15,69
Prazer	8	15,69
Tipo de estimulação	4	7,84
Orgasmo	2	3,92
Nada	1	1,96
Total	51	100%

* *Vários*: quando ele faz com prazer, aproximação do corpo, carícia, emoção, tesão, outro modo de fazer amor, algo diferente de membro.

Tabela 5 – Razões pelas quais a prática da cunilíngua desagrada estudantes universitárias.

Razões	Número de Universitárias	(%)
Nada	20	48,78
Vários*	8	19,51
Falta de proximidade	5	12,19
Sentir mal	2	4,88
Barba	2	4,88
Fazer forçado	2	4,88
Tudo	1	3,63
Cheiro	1	3,63
Total	41	100%

* *Vários*: quando não existe amor, quando o parceiro não sente prazer, cócegas, rapidez, individualismo, lugar sujo.

Quanto à frequência do sexo oro-genital em universitárias, 28% não respondeu o item referente à cunilíngua, 30% não respondeu aquele referente à felação e 48% o referente ao “69” (vide Tabela 6).

A pesquisa mostra que 87,32% das universitárias não são estimuladas por seus parceiros durante a menstruação, enquanto que 12,67% mantêm contato oral durante esse período, sendo que 29% das universitárias não se referiram a esta questão. No que diz respeito

Tabela 6 – Frequência do sexo oro-genital em estudantes universitárias.

Frequência	Cunilíngua		Felação		“69”	
	Número de Universit.	(%)	Número de Universit.	(%)	Número de Universit.	(%)
Sempre	25	34,72	25	35,71	7	13,46
Geralmente	16	22,22	16	22,86	12	23,08
Às vezes	23	31,94	22	31,43	23	44,23
Raramente	4	5,55	5	7,14	10	19,23
Nunca	4	5,55	2	2,86	–	–
Total	72	100%	70	100%	52	100%

às razões para a não prática do sexo oro-genital durante a menstruação, a questão não foi respondida por 9,68% das universitárias (vide Tabela 7).

Tabela 7 – Razões para a não prática do sexo oro-genital, durante a menstruação, por estudantes universitárias.

Razões	Número de Universitárias	(%)
Inconveniente	16	28,57
Anti-higiênico	16	28,57
Sentir-se mal	10	17,86
Sem práticas sexuais na menstruação	6	10,71
Opção dele	3	5,36
Constrangimento	2	3,57
Vários*	2	3,57
Não permito	1	1,78
Total	56	100%

* *Vários*: falta de respeito, por causa do fluxo menstrual.

A respeito do que agrada na prática da felação, 55,81% afirma que o que lhes agrada é a excitação do parceiro; 27,90% afirma que tudo lhes agrada; 11,66%, o prazer; 2,32%, a textura; 2,32% disse que nada lhes agrada e 3% deu outras respostas (“torna a relação rápida”, “depende do parceiro”, “depende do momento”), sendo que 54% das universitárias não responderam a esta questão.

No que se refere às razões pelas quais a prática da felação desagradava estudantes universitárias, constatou-se que 66% não se referiu a tal assunto (vide Tabela 8).

A pesquisa revela que as universitárias praticam a felação porque gostam (22,58%); apenas pelo parceiro (24,19%); por ambos (50%) e 3,22% deu outras respostas (“só pratico quando ele pratica em mim”, “não gosto e não pratico”), sendo que 38% das universitárias não se referiram a tal questão.

Grande parte das mulheres sente mais prazer ao serem estimuladas pelos parceiros (54,69%), ao invés de estimulá-los (15,62%) e 29,69% deu outras respostas (“depende do momento” e “ambos”), sendo que 36% das universitárias não responderam a tal questão.

Tabela 8 – Razões pelas quais a prática da felação desagrada estudantes universitárias.

Razões	Número de Universitárias	(%)
Nada	11	32,35
Vários*	6	17,64
Ejaculação	4	11,76
Machuca	3	8,82
Proximidade	3	8,82
Cansativo	2	5,88
Insistência	2	5,88
Não me excita	1	2,94
Iluminação	1	2,94
Ânsia de vômito	1	2,94
Total	34	100%

* *Vários*: pentelhos, tamanho, desconforto, excesso de iluminação, medo de perder a virgindade, mal juízo de mim.

A questão que diz respeito às razões pelas quais a prática da cunilíngua causa mais prazer em estudantes universitárias não foi respondida por 25,71 % delas (vide Tabela 9).

Grande parte das mulheres que sentem mais prazer na prática da felação disse que tal prática excita o parceiro (83,33%), ao passo

Tabela 9 – Razões pelas quais a prática da cunilíngua causa mais prazer do que a felação em estudantes universitárias.

Razões	Número de Universitárias	(%)
Mais excitação	10	38,46
Sou eu quem sou estimulada	8	30,77
Facilidade de ter orgasmo	4	15,40
Menos inibição	1	3,85
Não pratica felação	1	3,85
Não sei porquê	1	3,85
Corpo todo é acariciado	1	3,85
Total	26	100%

que a menor parte disse que tal prática é melhor do que a cunilíngua (16,67%). Um índice de 40% das estudantes não respondeu a tal questão.

No que se refere às razões para a não prática do “69” pelas estudantes universitárias, um índice de 28,57% não respondeu a tal questão (vide Tabela 10).

Tabela 10 – Razões para a não prática do “69” por estudantes universitárias.

Razões	Número de Universitárias	(%)
Vários*	4	26,67
Não teve oportunidade	3	20,00
É desagradável	2	13,33
Não sente prazer	2	13,33
Prefiro por etapas	1	6,67
Não gosta	1	6,67
Não concentra no próprio prazer	1	6,67
Não sabe	1	6,67
Total	15	100%

* *Vários*: não é habituada, virgem, início da relação, questão de jeito.

Segundo os dados obtidos, 69,01% das estudantes praticam o “69” enquanto que 30,55% não pratica e 1,84% o pratica às vezes. Não se referiram a tal informação, 29% das universitárias.

Quanto à opinião sobre o que desagrada na prática do “69”: é a posição incômoda (27,27%); dificuldade de concentração no próprio prazer (9,09%); por ser simultâneo (6,06%); nada (39,40%); não se adaptam, sentem-se mal, acham monótono, cansativo, sentem-se confusas e têm a impressão de filme pornográfico (18,18%); sendo que 3% deu outras respostas (“nunca pratiquei”, “depende do dia, da situação e do companheiro”). Um índice de 65% das universitárias não respondeu a esta questão.

Quanto à opinião a respeito do que agrada na prática do “69”, 35,90% disse que tudo lhes agrada; 51,28%, o prazer simultâneo; 2,56%, a intimidade; 7,69%, o teso; 2,56%, nada; 3% deu outras respostas (“nunca pratiquei”, “depende do dia, da situação e do companheiro”), sendo que um índice de 58% das universitárias não se referiu a tal informação.

COMENTÁRIOS

Pudemos observar, ao entregarmos o questionário, que as pessoas mostravam um grande interesse em obter informações sobre o assunto.

Apesar de algumas mulheres não terem respondido o questionário, ou algumas de suas perguntas, mostrando rejeição ao assunto, elas tiveram a curiosidade e o interesse em ler e saber do que se tratava a pesquisa. O mesmo aconteceu com os homens e com as mulheres que não estavam incluídas na faixa etária da amostra, revelando, assim, que a sexualidade é um assunto que "atrai" a maioria das pessoas.

CONCLUSÕES

Concluiu-se, pela pesquisa, que as universitárias são bastante favoráveis à prática do sexo oro-genital, apesar de todos os preconceitos e tabus que giram em torno desse tipo de atividade sexual.

Acompanhando a evolução histórica, podemos notar que, antes, praticar sexo oral era um sinal de homossexualidade e que, hoje, de acordo com a pesquisa, é apenas mais uma forma de obter prazer.

As mulheres que não praticam o sexo oro-genital por serem virgens apresentam uma concepção errônea e provavelmente estão se defendendo emocionalmente da possibilidade (desejo) de praticá-lo.

O objetivo do sexo oro-genital como preliminar está bastante relacionado à procura do prazer e do estímulo para a relação sexual.

A opinião sobre "69" e felação parece estar menos formada do que sobre a prática da cunilíngua (61 % e 57%, respectivamente); apesar de que existe uma alta porcentagem de universitárias que gostam da prática da cunilíngua e não sabem apresentar as razões sobre o que lhes agrada nesta prática (49%).

Parece que as opiniões sobre o que agrada nas práticas de cunilíngua, felação e "69" estão mais formadas do que razões que desagradam tais práticas.

A prática do sexo oro-genital provocou em algumas das questionadas (11 %) a referência da não existência da mesma durante a menstruação; aparentemente isso é uma forma de evitar que elas apresentem razões para a não prática do mesmo.

Das razões que pudessem desagradar as universitárias para a prática da felação, 32% respondeu que nada as desagradava, demonstrando, assim, uma atitude não negativa perante a prática oro-genital.

Na pesquisa realizada por Haas (1979), Waterman e Chiuzzi (1982), uma minoria de garotas praticava a felação somente porque o parceiro queria. Em contrapartida, na presente pesquisa obteve-se um índice de 24% de universitárias que praticam a felação somente por causa do parceiro.

As razões pelas quais a prática da cunilíngua causa mais prazer do que a prática da felação foram óbvias, mostrando que o recebimento de prazer é mais importante do que proporcioná-lo (84%).

Existe, ainda, por parte de algumas pessoas, uma falta de informações a respeito de sexo e, se o sexo fosse tratado com naturalidade, discutido freqüentemente, certamente isso não aconteceria e as pessoas teriam condições de optar pelo melhor para elas.

Algumas pessoas não gostam de praticar o sexo oral; às vezes, pessoas criadas com muitos tabus levam um certo tempo para criar coragem para experimentá-lo, outras nem tentam. É tão apropriado não gostar de sexo oral como apreciá-lo. É uma escolha individual. Algumas pessoas dão importância a esta prática e a aceitam como parte natural da sexualidade (Suplicy, 1986).

Sob certos aspectos pode ser dito que pensamos em “sexo” assim, como um processo constituído de “preliminar”, “penetração” e intercurso seguido de ejaculação masculina, porque assim fomos ensinados, assim nos disseram que deveriam ser as relações físicas entre as pessoas, e é assim que se “pressupõe” que se faça. O sexo e todas as relações físicas são coisas criadas por nós, são normas culturais e não biológicas. Muitas vezes, pensamos não ser livres para explorar e descobrir ou inventar quaisquer espécies de relações físicas que queiramos ou que tenhamos alguma vez sentido como naturais, correspondendo a nossas sensações ou necessidades individuais (Hite, 1979), mas na verdade deveríamos estar abertos para experimentar tudo que nos proporcionasse prazer e nos fizesse viver com mais intensidade cada momento, pois somos o resultado de tudo o que fazemos na vida.

ANEXO 1

Estamos realizando uma pesquisa a respeito da Sexualidade; para tal, necessitamos de sua colaboração. Gostaríamos de saber a opinião de mulheres, estudantes de Psicologia, na faixa etária entre 18 e 30 anos, sobre a prática do sexo oral (estimulação dos órgãos genitais do(a) companheiro(a) por meio de beijos e carícias diversas com a boca, lábios ou língua) na relação

heterossexual. Para realizá-la, pedimos como dado pessoal somente sua idade; é a única variável que realmente nos interessa, preservando o seu anonimato e sua privacidade.

Antecipadamente agradecemos pela sua colaboração, pois sem esta seria impossível a realização desse trabalho.

Obs.: Qualquer informação, ou maiores esclarecimentos a respeito da pesquisa, procure-nos.

Luciana e Edilain

IDADE: _____

Questionário

1. Você considera o sexo oral:

- () uma estimulação normal () uma estimulação necessária, às vezes
() muito bom () uma imundície

2. Você já praticou sexo oral com seu parceiro?

- () sim () não. Por quê? _____

3. Se você considera sexo oral bom, você pensa assim quando:

- () apenas você estimula o parceiro (felação)
() apenas quando o parceiro a estimula (cunilíngua)
() quando ambos se estimulam

4. Você considera o sexo oral como parte do jogo do amor (preliminar) que culmina com a relação genital/genital, ou como prática que pode substituir a relação genital/genital?

- () parte do jogo (preliminar) () pode substituir
() Outros. Quais? _____

Explique sua opção: _____

5. A prática do sexo oral visa a provocar orgasmo ou excitação?

- () excitação
() orgasmo. Com que frequência você o tem: () sempre
() geralmente () algumas vezes () raramente () nunca

Parte I: Cunilíngua ou Cunilingus (estimulação da vagina ou clitóris pela boca ou língua do parceiro).

6. Você acha que a vagina e a região genital feminina é feia ou bonita? Por quê? Cheira bem ou mal? Por quê? _____

Parte III: "69" (sexo oral praticado simultaneamente pela mulher e pelo homem).

17. Você e seu parceiro praticam o "69"?

sim

não. Por quê? _____

18. Se você pratica, como se sente?

muito bem

mal

bem

outros. Quais? _____

19. O que lhe agrada ou desagrada no "69"?

20. Com que frequência você e seu parceiro praticam "69"?

sempre

às vezes

geralmente

raramente

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARRERA, M. *Sexo: os fatos, os atos e os prazeres do Amor*. Rio de Janeiro, Record, 1981.
2. CIVITA, V. (ed.). *Enciclopédia: Nós dois: Amor e Sexo*. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
3. HAAS, W. *Teenage Sexuality*. New York, Macmillan, 1979.
4. HITE, S. *O Relatório Hite*. 4ª ed., São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1979.
5. KINSEY, A. C.; POMEROY, W. B.; MARTIN, C. B.; MARTIN, C. E. *Sexual Behavior in the Human Male*. Philadelphia, W. B. Saunders, 1948.
6. KINSEY, A. C.; POMEROY, W. B.; MARTIN, C. E.; GEBHARD, P. H. *Sexual Behavior in the Human Female*. Philadelphia, W. B. Saunders, 1953.
7. NEWCOMER, S. F.; UDRY, J. R. Oral sex in an adolescent population. *Archives of Sexual Behavior*, 14(1):41-6, 1985.
8. STORY, M. D. A comparison of university student experience with various sexual outlets in 1974 and 1980. *Adolescence*, XVII (68): 737-47, 1982.
9. SULICY, M. *Conversando sobre Sexo*. 7ª ed., Rio de Janeiro, Vozes, 1983.
10. TANNAHILL, R. *O Sexo na História*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.
11. VALENSIN, G. *A Mulher sem Mistério*. Rio de Janeiro, Vechi, 1972.
12. WILLY, A. *Sexo e Vida*. São Paulo, Ibrasa, 1961.
13. WATERMAN, C. & CHIUZZI, E. The role of orgasm in male and female sexual enjoyment. *J. Sex Res.* 18: 146-159, 1982.

Sexo, Mulher e Punição. A Sexualidade Feminina numa Instituição Penal **3**

Maria do Amparo Rocha Caridade¹

RESUMO

CARIDADE, M. A. R. Sexo, mulher e punição. A sexualidade feminina numa Instituição Penal. R. B. S. H. 2(1): 1991.

A vida sexual em prisões não tem constituído uma preocupação social. A abstenção do sexo nesses contextos parece entendida como fato natural, integrando a pena que o indivíduo cumpre. O fato é mais claramente observado quando se trata de prisões femininas.

Na Colônia Penal Feminina do Bom Pastor (CPF), em Recife, mulheres presas vivem nos dias atuais sem perspectivas de relacionamento sexual com seus parceiros. A Instituição é dirigida por freiras e a repressão sexual é intensa. Apesar de rigoroso controle das expressões da sexualidade, as mulheres encontram formas alternativas de vivê-la, sobretudo através da masturbação e da homossexualidade. Por essas práticas “transgressoras” e “desviantes” da sexualidade, as detentas afirmam-se e se restabelecem como sujeitos.

As manifestações sexuais na CPF são uma forma de contrapoder desafiador das normas institucionais do desprazer.

1. Psicóloga, mestra em Antropologia, terapeuta sexual.

Recebido em 26.01.91

Aprovado em 05.03.91

INTRODUÇÃO

A CPF é a única penitenciária feminina do Estado de Pernambuco, e é dirigida pelas Irmãs do Bom Pastor. Um universo de 50 a 60 pessoas compõe a população carcerária que cumpre pena sob a guarda da Congregação. Estudei esse grupo, buscando compreender o que ali acontece: como se expressa a sexualidade e de que forma ela é controlada pela Instituição; que peso tem, para esse controle, o fato da CPF ser dirigida por religiosas, além de ser uma Instituição Total. Com esse estudo, objetivei fazer uma leitura dos contextos institucionais controladores da sexualidade das detentas e identificar as formas alternativas por elas encontradas de expressar-se num contexto unissexual, onde o sexo é concebido como pecado, como desvio, como dimensão negativa do humano.

Desde 1971, as prisões masculinas em Pernambuco tiveram possibilitadas as "visitas íntimas" - eufemismo utilizado para designar a prática de relações sexuais na prisão, por ocasião da visita da parceira. A CPF continua até hoje sem oferecer as condições para que as detentas recebam as visitas a que têm direito, dada a estrutura religiosa que administra a Instituição. A realidade estudada não é problematização constante nas ciências sociais e humanas, de modo que se verifica grande escassez de estudos científicos da sexualidade nas prisões, particularmente as femininas.

MÉTODO

A abordagem da sexualidade é naturalmente dificultada ao pesquisador, devido à gama de preconceitos que envolve o tema na sociedade. Na CPF, onde o contexto religioso vigia e pune o sexo como prática transgressora, o discurso fica perigoso. O corpo sexual da mulher detida passa a não se revelar facilmente nesse contexto. Torna-se um corpo perseguido, e apenas sob condições de segurança, na certeza do sigilo e na confiança estabelecida, é que ele se revela em sua dimensão sexual.

Por isso, convivi com as detentas durante dois anos, como observadora direta de seu cotidiano. O estudo foi realizado de agosto/86 a fevereiro/88. Utilizei informações obtidas nesse convívio com a população carcerária, além de entrevistas com os funcionários e com a direção da CPF. Selecionei, contudo, dentro de critérios estabelecidos, 16 mulheres para a realização de Histórias de Vida, através das quais busquei uma ordenação cronológica das experiên-

cias sexuais por elas vividas desde a infância até o momento na CPF. A Tabela 1 enfoca as características gerais deste universo.

Tabela 1 – Universo das Histórias de Vida.

Nº	Idade	Tempo na CPF	Enquadramento	Penas	Instrução	Filhos
1	23	3 anos	Art. 157 ¹	46a.	6ªS.	1
2	21	1a.6m.	Art. 157	–	5ªS.	–
3	28	1a.8m.	Art. 121 ²	16a.	1ªS.	2
4	22	2a.	Art. 157	15a.	8ªS.	2
5	33	4a.6m.	Art. 121	43a.	analf.	7
6	23	1a.6m.	Art. 12 ³	6a.	8ªS.	3
7	33	4a.	Art. 157	12a.	5ªS.	2
8	28	1a.6m.	Art. 12	–	3ªS.	2
9	24	3a.6m.	Art. 121	13a.	2ªS.	1
10	32	10m.	Art. 12	4a.	analf.	2
11	24	1a.6m.	Art. 157	2a.8m.	6ªS.	2
12	27	2a.6m.	Art. 12	3a.	4ªS.	2
13	21	2a.6m.	Art. 12	3a.	5ªS.	–
14	36	2a.6m.	Art. 121	12a.	4ªS.	3
15	44	9m.	Art. 12	3a.6m.	analf.	10
16	45	6m.	Art. 12	6a.	1ªS.	2

1. Homicídio.

2. Roubos, assaltos.

3. Lei de tóxico em vigor que “dispõe sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito de substâncias entorpecentes ou que determinam dependência física ou psíquica e dá outras providências”.

A INSTITUIÇÃO

Na CPF encontram-se dois grupos distintos de mulheres: são as detentas e as freiras, Evas e Marias, prostitutas e virgens, profanas e sagradas, o que é muito significativo para as relações que ali se estabelecem. Também a imagem bíblica da figura do Bom Pastor que carrega nos ombros a “ovelha perdida” é indicadora das relações entre os grupos e do sentido que a sexualidade tem no projeto apostólico das irmãs: sua negação.

A estrutura religiosa da CPF apóia-se no ideal cristão da castidade como um bem maior do que a vivência da sexualidade. A busca da felicidade é orientada para a “outra vida”, desprezando

do-se a vida terrena e seus prazeres. Vigia-se, controla-se e trabalha-se o corpo das detentas na perspectiva da transformação do espírito. O modelo ascético vivido pelas irmãs é de certa forma implantado na comunidade carcerária, que sobrevive como pode à privação sexual. Concebidas como desviantes, pecadoras, a expectativa mantida para com elas é a do arrependimento. Um modelo alternativo de mulher é então mostrado através de um quadro afixado na sala de visitas da CPF: é Maria Madalena, chorando aos pés de Cristo, símbolo bíblico da mulher arrependida de seus pecados sexuais.

O ambiente físico da CPF é marcadamente vigilante da sexualidade e da “moral”. A sala de visitas é excessivamente decorada com ícones religiosos. O cenário principal da vida das detentas é um pátio central ajardinado, mas, ali também, em meio às plantas, uma grande imagem do Senhor Morto com o corpo chagado lembra às mulheres a meta redentora da Instituição que as guarda. Paradoxalmente a todo esse conjunto “sacralizado”, uma mulher diz: “Isso aqui é um inferno com cara de céu”. Outra reforça essa visão: “Aqui tudo não passa de aparências; é como um túmulo: lindo por fora, podre por dentro”. A violência simbólica da ambientação religiosa parece culpar o desejo.

O CORPO NA INSTITUIÇÃO

A transgressão sexual é, na CPF, a maior fonte de castigos e as mulheres recebem manifestações mais explícitas do próprio desejo. A sexualidade mantém-se aí sob o signo do medo. O trabalho de sujeição do corpo é pensado, calculado pela Instituição, por uma “tecnologia política do corpo” e uma “microfísica do poder”, como diz Foucault. O corpo é confinado e trabalhado para tornar-se dócil, submisso, produtivo e regenerado através de uma “micropenalidade” capaz de administrar o tempo, as atividades, o modo de ser, a sexualidade, a vida do indivíduo. Dá-se uma apropriação social e institucional do corpo das internas.

Toda essa regulamentação, comando de gestos e necessidades, encontra respaldo no pensamento judaico-cristão que vê o corpo como um cárcere da alma. O pensamento e a moral cristãos mantiveram uma grande desconfiança acerca do corpo e da sexualidade. Visto assim negativamente, o corpo deve ser mortificado para silenciar nele o desejo. Desenvolveu-se um tropismo para a dor e uma aversão pelo prazer, condições ascéticas que tornaram-se a base principal da repressão sexual.

AS MULHERES DA CPF

As detentas refletem a fisionomia da sociedade à qual pertencem. Têm corpos marcados por cicatrizes de balas, de peixeradas, por seqüelas ao uso de drogas e seqüelas de maus tratos policiais. Refletem igualmente a cultura e a classe social a que pertencem: tatuagens mal feitas, nomes pelo corpo, uma acentuada "morenidade". São signos diversos, indicadores da baixa condição sócio-econômica-cultural do grupo. As estratégias de sobrevivência da maior parte delas eram a prostituição e o tráfico de maconha. Algumas sobreviviam como "descuidistas" ou "lanceiras", a arte dos pequenos furtos. Outras participavam de assaltos, integrando ou não alguma gang. A maior parte delas fazia uso dos espaços ilícitos que lhes sobrava no mercado de trabalho. Nenhuma delas era proprietária dos campos de plantação de maconha, mas pequenas traficantes da erva. Uma detenta me explicava: "Foi vendendo maconha que comprei os móveis da casa e botei as meninas pra estudar". Outra falava de seu esquema de sobrevivência com tristeza: "Muitas vezes, pra almoçar ou tomar café, eu tive de vender as minhas carnes". A Tabela 2 expressa a realidade econômica do grupo.

Tabela 2 – Renda das detentas ao chegar à CPF*.

Renda	Total
Inexistente	9
0 a 1 salário mínimo	36
1 a 3 salários mínimos	3
3 a mais salários mínimos	4
	52

* Do Relatório do Serviço Social da CPF em outubro/86.

A SEXUALIDADE POSSÍVEL NA CPF

Pelas Histórias de Vida das mulheres, e por ter convivido dois anos com a Instituição, pude observar que o contexto religioso, negador do sexo e controlador de suas manifestações, tornou-se o produtor de uma sexualidade considerada "desviante" e conseqüentemente culpabilizada. Essa sexualidade "adoecida" é um produto institucional.

As manifestações possíveis do sexo na CPF têm as características próprias de uma comunidade fechada, unissexual, religiosa e fortemente reprimida. A homossexualidade e a masturbação são as práticas mais viáveis, embora também proibidas e avaliadas como “safadeza”. A heterossexualidade desejada pela maioria das mulheres é impedida pela Instituição. A literatura pertinente tem revelado que as instituições unissexuais são o locus favorável ao desenvolvimento e à prática da homossexualidade. Na CPF ela tem algumas peculiaridades:

1. Percebi maior freqüência de relações homossexuais entre as mulheres que viviam com parceria instável, como é o caso daquelas que procedem da prostituição.

2. Algumas mulheres, por viverem em regime aberto, podiam sair nos fins de semana. Mesmo assim, algumas afirmavam seu desejo de viver a bissexualidade e tinham parceria simultaneamente homo e heterossexual.

3. Algumas parcerias são exclusivamente homo ou heterossexuais.

4. Observei relações triangulares, onde as mulheres transam entre si, mas sem qualquer conotação de sexo grupal (Figura 1).

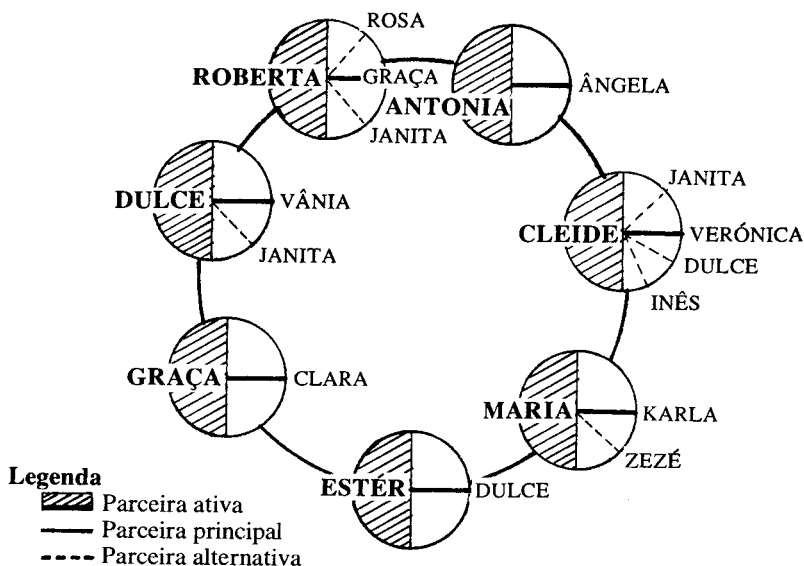


Figura 1 – Mapeamento das Relações Homossexuais na CPF – Fevereiro/87.

5. Algumas referem que, em face dos maus tratos sofridos nas relações com os homens, não pretendem mais viver com eles, pois encontraram na homossexualidade mais afeto e camaradagem.

Na impossibilidade da heterossexualidade, é a homossexualidade a principal força propulsora do dinamismo social da Instituição: Os sentimentos, as emoções, as ilusões, os confrontos e as conquistas, assim como as delações e os ciúmes que dão vida ao cotidiano, só podem se expressar nessas relações. Paradoxalmente, a homossexualidade torna-se o fator de sustentação da própria Instituição, um elemento necesário à economia carcerária.

Pelo combate formal à homossexualidade enquanto a prática mais viável da sexualidade, a CPF cumpre seu papel repressor como instituição penal/religiosa. O estigma daí resultante é atribuído não à Instituição que produziu essa condição, mas às mulheres, “cuja carne é fraca”, segundo expressa a direção.

Fica evidente que a maior parte das vivências homossexuais das mulheres é marcada pela contingência unissexual em que vivem. Joel Birman chama a atenção para o papel das condições institucionais na organização dos comportamentos sexuais dos internos. A maior parte da homossexualidade adquire na CPF proporções claras de aprendizagem, de substituição do heterossexualismo. São óbvios os depoimentos destas mulheres:

- “Eu gosto é de homem, mas como aqui não tem, eu pego uma mulher pra gente se gostar”.

- “Eu gosto é de homem, mas aqui na cadeia tenho que ter uma mulher pra me ajudar a aguentar a pena”.

Algumas dizem ter encontrado na homossexualidade mais afeto e companheirismo, e há quem tenha descoberto uma nova dimensão para a vida: “A emoção de viver com Roberta supera tudo o que já vivi com três homens. Agora, eu só quero ela”.

Birman acha que a sexualidade na Instituição tem uma prática transgressora, através da qual o interno se restabelece como sujeito. Despojado de tudo, resta ao indivíduo o próprio corpo, que não pode ser totalmente submetido à vontade institucional. É através desse resíduo que ele tenta reencontrar o seu lugar social, impondo-se como gozo. É desta forma que o interdito estimula a transgressão. Na CPF, a Instituição reforça o que quer reprimir.

A constante mortificação a que está submetida a mulher presa é desafiada pela força transgressora, através da qual ela se descobre ainda viva, dona do próprio corpo, sujeito de alguma ação e capaz do prazer. As manifestações sexuais na CPF são um contrapoder desafiador às normas institucionais do desprazer. Essas práticas, que na ótica da Instituição e de alguns teóricos podem ser chamadas de

“desvios” ou “patologias”, possibilitam à mulher da CPF a certeza de que ainda é alguém, que não morreu totalmente e que ainda se identifica com alguma parte de si mesma. Elas se restabelecem vivendo suas fantasias, escrevendo seus poemas, masturbando-se, seduzindo suas parceiras, trocando afagos nos lugares e oportunidades esquecidos pelo sistema controlador. No pátio aberto e sob a luz do sol, desafiam a vigilância e roubam beijos e carícias às suas parceiras. É a prática “desviante” da sexualidade, uma forma silenciosa de continuar a existir.

A masturbação parece generalizada. A afirmativa mais geral é: “Aqui todo mundo se masturba”. Contudo, encontrei um verdadeiro tabu para a fala da própria masturbação. Questionando algumas mulheres sobre esta dificuldade, elas alegam ser “uma coisa feia, que faz mal e é pecado”. Essa atitude reflete os tabus presentes tanto na sociedade como no contexto religioso da Instituição, que considera o auto-erotismo pecaminoso. Apenas três mulheres falaram claramente da própria masturbação, e mesmo assim era uma espécie de lamento, culpa ou vergonha: “Eu sei que Deus vê, que a Ele não se engana, mas eu me masturbo, que eu não vou ficar doida, né?”. “Satisfazer-se só, dá ódio desse povo daqui, da direção”. “Quando estou com muito desejo eu me masturbo, que é que eu posso fazer?”. Algumas falam negativamente, vendo na masturbação uma forma diminuída da sexualidade, desvalorizada e pouco digna de ser vivida: “Aqui todo mundo se masturba, mas muita gente tem vergonha disso”. “Quando tenho desejos, aí eu me lembro dos bons momentos, às vezes até choro. Mas depois rezo e peço a Deus pra me esquecer”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A repressão sexual já existente na sociedade sobre a mulher é intensificada na CPF pela própria condição de ser uma Instituição Total, unissexual e religiosa. De forma sutil e eficiente, a religião colaborou com esse processo, culpabilizando o desejo, condenando e adoecendo qualquer expressão da sexualidade. Essa condição de culpa inscreve-se na base do eu, na experiência mesma da pessoa, e desenvolve sentimentos inquietantes ante a sexualidade, como se ela não fosse um bem em si, mas algo perturbador, indevido, indesejado.

A sexualidade, porém, é uma dimensão muito especial da pessoa. Mesmo sob a mais intensa repressão ela encontra formas próprias de realização. Quanto mais intensamente é reprimida, mais criativos e inesperados são seus canais de expressão. A sexualidade

desafiada pela vigilância e pelos princípios religiosos da CPF é intensamente vivida. Driblando o olho mágico do poder, as mulheres desafiam, contrapõem-se e reafirmam sua identidade ameaçadora. Na descoberta de seus corpos prazerosos, elas ainda se sentem vivas e capazes.

O tratamento dispensado às detentas tem sido apenas punitivo, e não reeducativo ou reabilitador como se pretende. Os espaços ociosos do cotidiano da CPF são destrutivos. Não há ocupações educativas e remuneradas capazes de prepará-las profissionalmente.

A vida na Instituição Total leva as pessoas a uma perda de identidade e cidadania. É inconcebível nos dias atuais que ainda se proíba alguém de ler jornais ou revistas atualizadas, mas isto ocorre na CPF. Mantê-las desinformadas, alienadas, é mais uma das estratégias de dominação que lá se mantém.

A Igreja Renovada da América Latina coloca-se ao lado dos oprimidos e convoca de certo as Irmãs do Bom Pastor para se posicionarem ao lado das mulheres marginalizadas, lutando com elas e não contra elas. Algumas das religiosas dessa Congregação, entendendo o novo tempo em que se vive, comungam com os apelos de renovação e lutam por dias mais justos e humanos, discordando inclusive do papel de carcereiras ainda exercido por algumas em Pernambuco.

Os jornais locais comentaram esta pesquisa e uma grande reportagem foi feita pelo Jornal do Comércio em 14/8/89. O fato teve repercussões. Atualmente as Irmãs do Bom Pastor já não dirigem a CPF. Recentemente entregaram a direção ao Estado.

Inquieta-me a consciência de que este trabalho denuncia uma realidade que não tem solução sem a mudança das estruturas sociais. Sem essa mudança, por certo apenas os pobres continuarão superlotando as penitenciárias. Assim, a sociedade vai repetindo o histórico e desumano gesto da institucionalização que separa “bons” e “maus”, que estigmatiza, que marca pessoas como seres diferentes. A ordem fica assim estabelecida.

Não há como concluir. Deixo a reflexão proposta por Sartre: “O essencial não é aquilo que se fez do homem, mas aquilo que ele fez do que fizeram dele”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BALANDIER, G. *Antropológicas*. São Paulo, Cultrix, 1976.
2. BIRMAN, J. *Sexualidade na Instituição Asilar*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1980.

3. BOTAS, P. C. L. A perversão da ternura. *In: Macho Masculino Homem*. Porto Alegre, L&PM, 1986.
4. FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes, 1984.
5. _____. *História da Sexualidade I. A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1985.
6. FRANKL, V. *Um Psicólogo no Campo de Concentração*. Lisboa, Editorial Aster, s.d.
7. FREUD, S. Una teoria sexual. *In: Obras Completas. Vol. 1*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1967.
8. _____. El Malestar en la Cultura. *In: Obras Completas. Vol. III*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1967.
9. GOFFMAN, E. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo, Perspectivas, 1974.
10. _____. *Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
11. LEVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.
12. OLIVIER, C. *Les Enfants de Jocaste*. Paris, Denoel Gonthier, 1980.
13. RIGOL, P. *Sociologia do Terceiro Mundo*. Petrópolis, Vozes, 1977.
14. RODRIGUES, J. C. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.

Sexualidade: Discurso do Corpo? Um Estudo de Caso **4**

Maria Alves de Toledo Bruns¹
Maria Virginia Filomena Cremasco Grassi²

RESUMO

BRUNS, M. A. T.; GRASSI, M. V. F. Sexualidade: discurso do corpo? Um estudo de caso. *R. B. S. H. 2(1): 1991.*

A essência deste trabalho é a compreensão da importância de integrar corpo e espírito em todas nossas atividades.

Numa visão fenomenológica, o corpo faz parte da totalidade do ser humano. A sexualidade é o seu mais significativo discurso.

Nesta perspectiva, esta pesquisa foi realizada buscando compreender, através de valores e experiências, como alguns jovens estão vivenciando sua sexualidade.

Os resultados evidenciaram que a instrução sexual é mais difundida e aberta aos rapazes e mais concentrada na família reservada para as garotas. Os rapazes vêm com mais preconceito do que as garotas o corpo de alguém do mesmo sexo. Há uma visão masculina mais integrada e uma visão feminina mais dissociada com relação à atração pelos sexo oposto. Percebe-se reformulação dos antigos valores mais conservadores quando os jovens se referem à masturbação e à virgindade. Contudo, parece que lidar de maneira prazerosa com o próprio corpo é uma meta para a mulher.

1. Pedagoga, professora assistente.

2. Aluna de graduação.

Recebido em 08.03.91

Aprovado em 21.03.91

SUMMARY

BRUNS, M. A. T.; GRASSI, M. V. F. Sexuality: body discourse? A case study. *R. B. S. H. 2(1):1991.*

The essence of this work is directed at understanding the importance of integrating the body and spirit in all activities. In a phenomenological vision the body is part of the totality of the human being. Sexuality is its most significant discourse, from this perspective this research was carried out in an effort to understand by means of values and experience how some teenagers are experiencing their sexuality.

The results show that sexual instruction is more specific and open for boys and is concentrated in the family and more reserved for girls. The boys see with more preconception than the girls the body of someone of the same sex. There exists a masculine vision more integratd and a feminine one more dissociated in relation to attraction to the opposite sex. Reformulations of conservative old values cane perceived when the teenagers refer to masturbation and virginity. However it appears that an objective of the teenage woman is to live in a pleasurable way with her own body.

INTRODUÇÃO

A sexualidade, enquanto dimensão da existência humana, sempre esteve presente nas relações entre os seres. Porém, não se pode dizer que o homem tenha sempre tido consciência de sua sexualidade. Muito tem se falado, escrito sobre o corpo, evidenciando que o homem sempre teve dificuldade de tocar e de ver sem preconceitos o próprio corpo.

A dicotomia corpo x espírito é registrada na literatura de Platão (século V a.C.), Santo Agostinho (século IV), Descartes (século XVII), a Comte (Século XVIII)³.

A conseqüência desta dicotomia é a permanência do dualismo psico-físico, da separação corpo x espírito e a própria compreensão do homem: visão de mundo que influenciou e determinou metodologicamente o caminho das ciências humanas e das exatas até nossos dias.

A fenomenologia (século XX com Husserl, M. Ponty a outros) propõe a superação desta dicotomia, através da análise da consciên-

3. ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando - Introdução à Filosofia*. São Paulo, Moderna, 1986, pp. 167-171.

cia, afirmando que a consciência é intencional; não há consciência pura, separada do mundo; toda consciência tende para o mundo.

Neste momento, a visão reducionista da realidade enfatizada pelo modelo positivista de ciência passa a ser questionada.

Nessa perspectiva, o corpo é parte integrante da totalidade do ser humano. Segundo o fenomenólogo M. Ponty (1908-1961)⁴: “eu sou o meu corpo, que a cada momento exprime sua existência total, não que ele seja seu acompanhamento exterior, mas porque ele se realiza nela”. Este sentido encarnado é o fenômeno central no qual corpo e espírito são uma unidade.

Se o corpo simboliza a minha existência é porque ele a realiza e é sua atualidade. Nesse sentido, o corpo fala... e a sexualidade é um dos seus múltiplos discursos pelo qual expresse o meu mundo, isto é, que percebo e sou percebido, que estabeleço relações e atribuo significados aos outros seres e às coisas.

E, na relação com o outro, que me percebo sendo, é neste sentido que a sexualidade adquire importância para a compreensão da história de vida do homem, que é a sua maneira de ser em relação ao seu tempo e aos outros homens.

Com o objetivo de levantar informações sobre a concepção de sexualidade e como ela está sendo vivenciada hoje é que esta pesquisa se desenvolveu, tendo duas questões norteadoras: a noção holística permeia o vivenciar da sexualidade do jovem hoje? Ou é o dualismo psico-físico que se faz presente?

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa foi realizada com 162 alunos de 13 a 18 anos, de ambos os sexos, em uma escola de classe média da cidade de Campinas (SP), em 1986.

Os sujeitos foram entrevistados através de um questionário composto de perguntas abertas e fechadas. As questões fechadas objetivaram concretizar algumas informações a respeito das primeiras noções sobre sexo, sensação com relação à masturbação, nível de diálogo sobre sexo com os pais.

4. PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1971, p. 177.

As questões em aberto visaram compreender as próprias concepções de cada jovem em relação às percepções de virgindade, heterossexualidade, homossexualidade.

A análise dos resultados se deu através das variáveis sexo e idade. Os dados das perguntas fechadas foram tabulados segundo percentagem de respostas e as abertas foram categorizadas de acordo com os conteúdos mais significativos que apresentaram e submetidos à análise qualitativa.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Tabela 1: Categorias referentes à percepção dos sujeitos sobre a atração ocorrida entre rapazes e moças pelo mesmo sexo, com alguns dos respectivos depoimentos.

Visualizamos, na Tabela 1, que 26,25% dos rapazes expressam atração por algum aspecto psicológico como jeito, ideais, inteligência; 6,25% por algum aspecto físico (rosto, pernas, braços) e 1,25% pelos aspectos físico e psicológico juntos (beleza física e personalidade); grande parte dos rapazes não expressam atração pelo mesmo sexo com depoimentos como “não gosto de homens”, “não sou bicha”, -sou macho-, “absolutamente nada”; 38,75% das respostas dos rapazes foram em branco.

Tabela 1

Indicadores	Rapazes (%)	Moças (%)
Aspectos psicológicos	26,25	34,78
Aspecto físico	6,25	23,91
Físico e psicológico	1,25	14,13
Nenhuma atração	27,50	13,04
Não respondeu	38,75	4,34
Total	100,00	100,00

O contrário se deu com as moças: 34,78% expressa atração por algum aspecto psicológico no mesmo sexo, como simpatia, caráter, autenticidade; 23,91% refere-se a algum aspecto físico como rosto, pernas, olhos; 14,13% dos depoimentos das moças reúnem os aspectos físicos e psicológicos como aparência física e aspectos da personalidade; 13,04% não expressa nenhuma atração e 4,34% não respondeu.

Tabela 2: Categorias referentes à percepção dos sujeitos sobre a atração pelo sexo oposto com os respectivos depoimentos.

Nota-se, na Tabela 2, que 61,25% dos rapazes se sentem atraídos pelos aspectos físicos e psicológicos reunidos nas garotas (beleza física e personalidade); 35% declarou que se sente atraído por algum aspecto físico (pernas, seios, rosto), e 2,50% por aspectos psicológicos (naturalidade, inteligência, simpatia); 1,25% dos rapazes não se sentem atraídos por garotas como também 1,25% não respondeu.

Em relação às garotas, 41,30% declarou se sentir atraída pelos aspectos físico e psicológico reunidos nos rapazes (beleza física e personalidade); 32,92% refere-se ao aspecto físico (aparência) e em número bem maior que os rapazes (18,47%) a algum aspecto psicológico (amizade, comportamento, idéias, maneira de falar).

Os depoimentos dos rapazes evidenciam uma visão mais integrada, não dicotomizando tanto quanto as garotas, a atração pelo sexo oposto. Os depoimentos dos rapazes se referiram em maior número (61,25%) à necessidade dos dois aspectos, psicológico e físico, presentes no outro sexo para se sentirem atraídos.

As garotas expressam atração pelo aspecto psicológico em número maior que os rapazes.

Tabela 2

Indicadores	Rapazes (%)	Moças (%)
Físico e psicológico	61,25	41,30
Aspecto físico	35,00	32,92
Aspecto psicológico	2,50	18,47
Nenhuma atração	1,25	0
Não respondeu	1,25	0
Total	100,00	100,00

Tabela 3: Categorias referentes à percepção dos sujeitos sobre a primeira instrução em relação a sexo.

A Tabela 3 evidencia que 52,44% das garotas entrevistadas receberam dos pais as primeiras instruções sobre sexo; 25,61% dos amigos e/ou parentes; 4,88% não se lembrou; 3,66% na escola; 4,88% através de livros e/ou revistas e 8,53% não quis responder.

Já com os rapazes, a maioria (35%) recebeu as primeiras instruções com amigos e/ou parentes; 33,75% com pais; 22,50% não se

lembrou, nenhum recebeu na escola e 8,75% através de livros e/ou revistas.

As primeiras informações a respeito de sexo se revelam mais difundidas para os rapazes e mais concentradas na família para as moças.

Tabela 3

Alternativa	Rapazes (%)	Moças (%)
Com pais	33,75	52,44
Amigos ou parentes	35,00	25,61
Não me lembro	22,50	4,88
Escola	0	3,66
Livros, revistas, etc.	8,75	4,88
Sem respostas	0	8,53
Total	100,00	100,00

Tabela 4: Categorias referentes à percepção dos sujeitos sobre o tipo de diálogo que há em relação a sexo com seus pais.

A Tabela 4 revela que 48,75% dos rapazes têm diálogo totalmente aberto com os pais sobre sexo, sendo 32,50% com reservas; 8,75% não tem diálogo; 7,50% deu respostas diversas e 2,50% não quis responder.

O mesmo se deu com as garotas, onde 46,34% tem diálogo sobre sexo totalmene aberto com os pais. Em um numero um pouco maior do que os rapazes, as garotas mantêm diálogo com reservas sobre sexo com seus pais (40,24%), enquanto 10,97% não mantêm diálogo; 1,22% deu respostas diversas e 1,22% não quis responder.

Tabela 4

Alternativa	Rapazes (%)	Moças (%)
Totalmente aberto	48,75	46,34
Com reservas	32,50	40,24
Sem diálogo	8,75	10,97
Respostas diversas	7,50	1,22
Sem respostas	2,50	1,22
Total	100,00	100,00

Tabela 5: Categorias referentes à percepção dos sujeitos em relação à masturbação.

A Tabela revela que *91,25%* dos rapazes se referem à masturbação com naturalidade, satisfação, prazer; *2,50%* com culpa como também medo; nenhum rapaz associou à sensação de sujeira ou nojo e *2,50%* não respondeu.

Quanto às moças, *68,29%* associou masturbação à naturalidade, satisfação, prazer; *4,88%* refere-se à culpa como também ao medo, *6,10%* relaciona masturbação a sujeira ou nojo, diferenciando-se dos rapazes. Houve ainda *9,75%* de respostas diversas e *6,10%* das moças não responderam.

Tabela 5

Alternativa	Rapazes (%)	Moças (%)
Naturalidade, satisfação/prazer	91,25	68,29
Culpa	2,50	4,88
Medo	2,50	4,88
Sujeira/nojo	0	6,10
Respostas diversas	1,25	9,75
Sem respostas	2,50	6,10
Total	100,00	100,00

Tabela 6: Categorias referentes à percepção dos sujeitos em relação à crescente intimidade entre namorados, com respectivos depoimentos.

Pela Tabela 6, *90%* dos rapazes concordam com a crescente intimidade do namoro a *10%* não concorda.

Já as garotas, em número menor (*73,17%*), concordam e em número maior (*26,83%*) não concordam com essa crescente intimidade.

Através dos depoimentos, percebe-se que há uma diferenciação, através das idades, na percepção de como esta intimidade deve ocorrer para os jovens.

De *13* a *15* anos foi geral a opinião de uma intimidade “com maior conhecimento”, “amor”, “carinho”, “responsabilidade” e certas “limitações”. Entre *16* e *18* anos, os sujeitos afirmaram que a intimidade “deve acontecer naturalmente” e “de acordo com cada um”.

Tabela 6

Alternativa	Rapazes (%)	Moças (%)
Sim	90,00	73,17
Não	10,00	26,83
Total	100,00	100,00

Tabela 7: Categorias referentes à percepção dos sujeitos em relação ao conceito de virgindade com respectivos depoimentos.

Visualiza-se, na Tabela 7, que 70% dos rapazes conceituaram a virgindade como ausência de relação sexual; 30% atribuiu-lhe outros conceitos. Já as moças, 52,44% conceituou virgindade como ausência de relação e 47,56% deu outros conceitos.

Destacamos os seguintes depoimentos das garotas: “é um tabu”; “é algo importante, mas não essencial”; “virgindade: carece dos pais”. Dos rapazes: “é uma coisa estúpida”; “é conservar a pureza”; “deve ser respeitada”.

Tabela 7

Indicadores	Rapazes (%)	Moças (%)
Ausência de relação sexual	70,00	52,44
Respostas diversas	30,00	47,56
Total	100,00	100,00

Percebemos, através dos depoimentos, que ao conceituarem virgindade os jovens atribuíram valores a este conceito em seus depoimentos. Percebemos que esse valor atribuído se modifica com a idade.

De 13 a 15 anos destacamos os seguintes depoimentos: “é uma coisa sagrada”; “algo muito importante para a mulher”; “sem opinião”. De 16 a 18 anos, os seguintes: “instrumento de dominação machista”; “mera instituição”; “absolutamente nada, no contexto para uma mulher”; “não existe”; “não tem importância”.

Tabela 8: Categorias referentes às experiências sexuais vivenciadas pelos sujeitos.

Pela Tabela 8, 38,75% dos rapazes tiveram beijos e carícias como contato sexual; 22,50% manteve relação sexual; 18,75% não

teve nenhum contato; 7,50% refere-se a beijos; 7,50% não especificou que tipo de contato, apenas respondendo afirmativamente; 2,50% referiu-se a carícias e 2,50% não quis responder.

Para as garotas, a maioria (32,92%) referiu-se a beijos e carícias. Um número bem menor que os rapazes (8,53%) manteve relação sexual; 23,17% não teve contatos sexuais; 21,95% referiu-se a beijos; 3,66% não deu especificações; 21,44% referiu-se a carícias e 7,32 não quis responder.

Tabela 8

Indicadores	Rapazes (%)	Moças (%)
Beijo/carícia	38,75	39,92
Relação sexual	22,50	8,53
Nenhum contato	18,75	23,17
Beijo	7,50	21,95
Sem especificação	7,50	3,66
Carícia	2,50	21,44
Sem respostas	2,50	7,32
Total	100,00	100,00

CONCLUSÕES

A recusa dos rapazes, nessa população estudada, de se sentirem atraídos pelo mesmo sexo (Tabela 1) remete-nos ao significado cultural da palavra "atração" para os homens. Desde cedo, através da educação e dos meios de comunicação, os homens vêem atração e desejo sexual quase como sinônimos. As revistas e as conversas masculinas são permeadas por este significado. Alberoni⁵ fala das diferenças das literaturas masculina e feminina e dos conceitos que são veiculados através delas.

Parece-nos que a questão sobre a atração pelo mesmo sexo para os homens teve conotação mais aversiva que para as garotas. Atração, nesse momento, pareceu revelar preconceitos dos rapazes com relação ao homossexualismo.

5. ALBERONI, F. *O Erotismo*. Tradução de Elia Edil. 2ª ed., Rio de Janeiro, Rocco, 1988.

Já as moças parecem lidar de maneira menos preconceituosa com essa palavra. Talvez possamos falar em um modo “assexuado” de interpretar atração. Torna-se, portanto, mais fácil para as moças verem e apreciarem o corpo da outra, além de outros aspectos psicológicos como autenticidade, sinceridade, companheirismo, etc.

Consideramos importante ressaltar o caráter estético e objetivo concedido em muitas culturas, inclusive a nossa, ao corpo da mulher. Como meio de idealizar felicidade e vender produtos dos mais variados, o corpo da mulher é um objeto a ser admirado e valorizado esteticamente, constituindo-se, assim, em mediador do consumismo. A materialidade do poder se exerce sobre o próprio corpo⁶ da mulher, tornando-o objeto estético de admiração social.

Podemos dizer que o corpo da mulher, neste momento, é algo para ser admirado e desejado, ou invejado, por homens e mulheres. Na visão de Foucault⁷, o corpo enquanto instrumento produtivo é suplemento de vida indispensável ao funcionamento da máquina.

Pela convivência com este clima competitivo, onde as mais belas são as mais desejadas, a mulher pode ter aprendido o caráter estético de ver a outra. Por saberem ver, apreciar e muitas vezes julgar o belo na outra, as mulheres podem ver “atração” sem a conotação sexual que tem para os homens, ao se referirem ao mesmo sexo.

Ao se referirem à atração pelo sexo oposto (Tabela 2), as garotas têm uma visão mais dissociada do outro. A conotação “assexuada” aparece nas associações de atração com aspectos não físicos, mas psicológicos, em 18,47% das respostas (maturidade, sinceridade, caráter, etc.).

Em um número bem mais elevado que os rapazes (2,5%), essas garotas revelaram que se sentem atraídas pelo sexo oposto por características de personalidade, as quais só são percebidas após algum nível de conhecimento do outro. Para essas garotas, parece-nos que o valor atribuído à atração foge ao aspecto físico, sendo mais reservado; só se sentem atraídas após conhecerem o outro. Segundo Alberoni⁸, o erotismo feminino se manifesta como necessidade de continuidade. “Há uma preferência profunda do fem-

6. FOUCAULT, M. Poder-Corpo. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

7. Idem.

8. ALBERONI, F. Op. cit.

9. Idem, p. 24.

inismo para o contínuo”⁹, o que indica a necessidade de atenção amorosa continuada, de interesse contínuo em relação à sua pessoa para desejarem e se atraírem realmente.

A integração dos aspectos físico e psicológico pode ser vista em maior número nesta tabela para os rapazes (61,25%) do que para as moças (41,30%). Apesar da valorização do corpo da mulher, visto como objeto de atração e prazer pelo sistema consumista, parece nos que os rapazes buscam uma mulher mais integrada, possuindo um corpo belo e características que lhe dão especificidade a unicidade (carinhosa, sensual, autêntica, etc.).

Diferenças na percepção da sexualidade entre rapazes e moças, hoje, remetem-nos a aspectos mais primários, ligados à própria educação diferenciada para meninos e meninas. Interessante constatar-mos isto através das Tabelas 3 e 4.

Na Tabela 3, as garotas se referem à primeira instrução sobre sexo com os pais (52,44%). Para os rapazes, percebe-se, através de seus depoimentos, que os meios de informação se diluem e se ampliam (35% refere-se a amigos e/ou parentes). Muitos não se lembram e isto nos leva a refletir e questionar sua razão. Será que não se lembram por ser algo tão “diluído” e comum em seu meio que se torna difícil especificar um agente informativo? Não se lembram por que são coisas ensinadas e transmitidas desde muito cedo? Parecidos que ambas as questões podem ser positivas, o que nos lembra o quão o homem desde cedo é mais exposto a este tipo de informação. Isto se confirmaria na Tabela 4, onde se vê que a maior parte tem diálogo aberto sobre sexo com seus pais.

Com as garotas ficou constatado que o mesmo não ocorre: recebem as primeiras informações sobre sexo com os pais, sendo mais concentradas na família. Contudo, através da Tabela 4, podemos perceber que o diálogo sobre sexo com os pais é mais reservado para as moças (40,24%) do que para os rapazes (32,50%), mesmo que a diferença seja pequena.

Parece-nos que, embora as instruções sobre sexo sejam recebidas pelas garotas através dos pais, esse assunto não é tão discutido e conversado como com os rapazes. A educação sexual ainda parece, aqui, mais conservadora para as moças e mais “flexível” para os rapazes, que são mais expostos a informações desse tipo.

Embora essas diferenças tenham sido minimizadas através desses anos todos, elas ainda persistem e determinam, muitas vezes, a própria visão diferenciada de sexualidade. “Certamente, as diferenças entre homens e mulheres são o sedimento de milênios de história e

de opressão” e podemos dizer que “faz apenas alguns decênios que isto está mudando”¹⁰.

Homem e mulher, portanto, “não são categorias imutáveis e abstratas, mas antes tipificações culturais socialmente construídas”¹¹. Sob esta perspectiva, torna-se necessário buscar compreender como os jovens estão processando a interiorização de papéis sexuais; o que está permanecendo cristalizado, resistente a mudanças; o que está sendo redefinido.

Através da Tabela 5, podemos constatar que tanto os rapazes quanto as moças se referem à masturbação com naturalidade. Parece que tocar o próprio corpo para o prazer, antes tido como um ato proibido e causador de danos físicos e psicológicos, foi um aspecto redefinido pelos jovens. Contudo, percebemos, através dos diferentes depoimentos, que a realidade feminina - distanciada do próprio prazer em décadas atrás - permanece, mesmo que em algum nível, cristalizada e resistente à mudança. Muito mais rapazes se referem à masturbação com “naturalidade, satisfação e prazer” (91,25%) do que as moças (68,29%) e enquanto nenhum rapaz cita masturbação como “sujeira” e “nojo”, 6,10% das moças o faz. Parece haver, em um nível reduzido, ainda uma certa “aversão” das moças à masturbação.

Quando pensamos em repressão, devemos focalizá-la em um nível mais amplo, sujeitando homens e mulheres a domesticarem seus instintos e impulsos. Quando falamos em sexualidade, focalizamos uma repressão mais “amena” para os homens do que para mulheres, mas ambos estão sujeitos às normas de socialização, dentro dos papéis que lhes competem.

Na reprodução dos papéis sexuais dentro da família, as qualidades enfatizadas na moça a orientam para atividades que estimulam, entre outras “aceitações”, a obediência. Daí, pode-se pensar em uma repressão feminina mais interiorizada do que a masculina e, talvez, por isso mesmo certos valores sejam ainda mais cristalizados para as mulheres, como, por exemplo, o modo de perceberem a masturbação.

Sob esse mesmo enfoque, na Tabela 6, os rapazes tendem a concordar mais com a intimidade em suas relações (90%) do que as

10. Idem, p. 11.

11. SALEM, T. *O Velho e o Novo. Um Estudo de Papéis e Conflitos Familiares* Petrópolis, Vozes, 1980, p. 37.

moças (73,17%). Podemos relacionar esses dados com os da Tabela 8, onde os jovens dão depoimentos de suas experiências sexuais.

Devemos também considerar o quão as meninas são advertidas, explícita e/ou implicitamente, a respeito de uma gravidez indesejada muito cedo. A gravidez - enquanto conseqüência natural da relação sexual, para a mulher - é um “fantasma” para os pais de jovens adolescentes. Esse “fantasma”, muitas vezes, é transferido para as filhas, as quais, algumas vezes, introjetam até uma aversão por contatos íntimos com o sexo oposto.

Para não correrem o risco da gravidez, muitas garotas esperam até uma idade maior para se adequarem à pílula; outras esperam a segurança de um relacionamento estável que lhes assegure acolhimento, caso engravidem. Enfim, pela responsabilidade e fantasias que lhe são conferidas, a mulher geralmente é levada a iniciar-se sexualmente mais tarde que o homem.

Contudo, podemos afirmar que os homens e as mulheres reformularam-se muito nestas últimas décadas. Por estarem mais sujeitas às regras e em desvantagem quanto à “liberdade” sexual concedida aos homens, as mulheres buscaram mais rigorosamente a igualdade e a redefinição de seu papel na relação com o outro.

Parece que essas reformulações de conceitos e valores femininos se fizeram presentes nos depoimentos das moças a respeito da virgindade, na Tabela 7. As moças (47,56%) definiram mais diversificadamente virgindade do que os rapazes (30%). Há muitos aspectos para serem levantados nesta questão. No entanto, as respostas focalizam conceitos religiosos (“pureza”, “ausência de pecado”, etc.), rebeldes (“ceticismo dos meus pais”, “ilusão”) e questionadores (“coisa criada para dominar a mulher?”), mostrando que o tradicional “ausência de relação sexual” é aqui reconfigurado.

Independentemente da relação entre sexos, aqui vale focalizar que quanto mais velhos os adolescentes mais tendem a reformular conceitos aprendidos em busca de valores próprios. A busca de identidade, característica dessa fase, leva a uma redefinição, para ambos os sexos, de valores e conceitos aprendidos.

Atualmente, homens e mulheres buscam o que os iguala, superando as diferenças. Possuem, entretanto, sensibilidades, desejos e fantasias que, condicionados ou não pelo meio, são diferentes e geram inquietações e insatisfações.

Não é a sexualidade a causa desta inquietação, mas é nela “onde se manifesta essa inquietação transcendente”. Irrupção na sexualidade, ela é transformada através das relações “porque deixa entrever o maravilhoso, o extraordinário, o emocionante, o sublime ou então também, o diferente, o desconhecido, o desafio”¹².

É nesse sentido que, desvendando a sexualidade, conhecemos os múltiplos discursos do corpo, que revelam a intimidade e a totalidade do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. *P. Filosofando - Introdução à Filosofia*. São Paulo, Moderna, 1986, pp. 167-171.
2. PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1971, p. 177.
3. ALBERONI, F. *O Erotismo*. Tradução de Elia Edil. 2ª ed., Rio de Janeiro, Rocco, 1988.
4. FOUCAULT, M. Poder-Corpo. *In: Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979. ‘
5. SALEM, T. *O Velho e o Novo. Um Estudo de Papéis e Conflitos Familiares*. Petrópolis, Vozes, 1980.
6. CHATELET, F. *História da Filosofia*. Tradução de Hilton F. Japiassi. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
7. GIOGI, A. *A Psicologia como Ciência Humana. Uma Abordagem de Base Fenomenológica*. Tradução de Riva Schwartzman. Belo Horizonte, Interlivros, 1978.

12. ALBERONI, F. Op. cit., p. 127.

* Agradecimento à Profª Dra. Maria Helena Pires Martins, da Escola de Comunicações e Artes da USP, pela releitura e sugestões a este artigo.

Apresentação
de
Metodologia

Metodologia em Educação Sexual. Experiência no Instituto Montessori Criança Feliz **1**

Gerson Pereira Lopes¹
Liliam Géio Leite Soares²
Samuel Rosa de Alvarenga³
Leonardo Goodson do Nascimento⁴
Flávia Rocha Galvão⁵

RESUMO

LOPES, G. P.; SOARES, L. G. L.; ALVARENGA, S. R.; NASCIMENTO, L. G.; GALVÃO, F. R. Metodologia em educação sexual. Experiência no Instituto Montessori Criança Feliz. R. B. S. H. 2(1): 1991.

Os autores relataram a experiência de um projeto de educação sexual no Instituto Montessori Criança Feliz. São discutidos todos os passos necessários para implantação desse trabalho, bem como a formalização do Grupo de Orientação e Educação Sexual (GOES). Esse processo envolveu toda comunidade escolar (pais, professores, psicólogos, alunos, funcionários, diretores, etc), além de incluir uma semana de atividades com a participação de todos (Semana da Família Atual - SFA).
Palavras-chave: educação sexual, experiência metodológica.

1. Médico. Diretor do Instituto Pomeroy.

2. Psicóloga. Diretora do Instituto Pomeroy.

3. Psicólogo. Diretor do Instituto Pomeroy.

4. Estagiário acadêmico de Medicina do Instituto Pomeroy.

5. Estagiária acadêmica de Psicologia do Instituto Pomeroy.

Recebido em 09.11.90

Aprovado em 08.01.91

SUMMARY

LOPES, G. P.; SOARES, L. G. L.; ALVARENGA, S. R.; NASCIMENTO, L. G.; GALVAO, F. R. Methodology in sexual education. Experience in Montessori Institute. R. B. S. H. 2(1): 1991.

The authors talk about a sexual education projet in Montessori Institute - Criança Feliz. They make a discussion of every step that is necessary for the implantation of that work, like the constitution of a Sexual Education and Orientation Group (GOES). This process involved all the school community (parents, managers, teachers, psychologists, students, workers etc.), and also included was preceed by a week of activities, with the participation of all them, called Actual Family Week - SFA.

Key-words: sexual education, methodology experience.

INTRODUÇÃO

Qualquer comunidade humana, em qualquer tempo, assume uma dinâmica própria, buscando um sentido e uma resposta. As indagações sobre a sexualidade proliferam em progressão geométrica e a escola não pode ficar indiferente a isto. Pelo contrário, deve facilitar e possibilitar um diálogo transparente, honesto e inquietante entre pais, alunos e professores. Observamos nas escolas públicas uma demora na discussão dos assuntos ligados a sexo; em contrapartida, na área privada começam a surgir os primeiros sinais. No Instituto Montessori Criança Feliz, a educação sexual faz parte da vida do aluno, ainda que não esteja no currículo formal.

MATERIAL E MÉTODO

Em nosso processo de educação sexual no referido Instituto, nos orientamos pelos seguintes passos que julgamos fundamentais:

1. Sensibilização da comunidade escolar. Palestras a pais, professores e alunos. Pesquisa sobre o nível de Sentimento da comunidade (Quadro 1).

2. Ideologia e explicitação dos objetivos. A existência de uma ideologia em cada ato do professor no processo de aprendizagem exige que este a explicita. Para nós, o crescimento é o valor que fundamenta a educação. Consciência de si, relacionamento com o outro e transferência são as três dimensões enfocadas.

3. Interesses e motivações dos alunos segundo a etapa de vida. Questionamento de alunos do 1º- grau para se tomar contato com o referencial do sujeito no processo.

4. Seleção dos conteúdos.
5. Capacitação dos docentes.

6. Seleção de metodologia, materiais, técnicas de avaliação. No Instituto Montessori, a segunda etapa do trabalho concentrou-se no treinamento, com duração de 20 horas, de quarenta participantes (professores, orientadores educacionais, psicólogos). Dois tipos diferentes de atividades pedagógicas foram desenvolvidas: aulas teóricas (AT) e dinâmicas de grupo (DG), sendo esta subdividida em enriquecimento interpessoal (DGI) e em interesse formativo (DGF) (Quadro 2).

Quadro 1 - Estudo Exploratório em uma Comunidade Escolar. Modelo de Questionário (Entrevista direta com o psicólogo). Pesquisa de Sentimento.

Nome:Idade:.....
 Profissão: Estado Civil:.....
 Data:

- Como se sente em relação ao seu trabalho (estudo); a sua família e a si mesmo? (Separadamente). Em termos físicos, emocionais e intelectuais.
- Cite 3 (três) características que facilitam e que dificultam sua relação com as pessoas, consigo mesmo e com o mundo.

Obs.: Para cada expressão do indivíduo inferíamos o sentimento contido e o classificávamos em três tipos: A - Positivo; C - Negativo e B - Neutro.

Quadro 2 - Curso de Treinamento em Educação Sexual. Instituto Montessori Criança Feliz. Programação.

1º Dia

Manhã - Apresentação; pré-teste; dinâmica - (educação sexual nas escolas: sim ou não?); aula expositiva (desenvolvimento psicosssexual); dinâmica (construção do novo mundo).

Tarde - Dinâmica (perfil do profissional em educação sexual); aula expositiva (etapas da educação sexual nas escolas); filme (Uma Experiência Metodológica); dinâmica (pornografia).

2º Dia

Manhã - Dinâmica (auto-erotismo e homossexualidade); áudio-visual (Aprendendo a Ser).

Tarde - Estudo de caso (gravidez na adolescência); aula expositiva (aborto, anticoncepção e gravidez; DST/AIDS na adolescência); filme (DST e AIDS).

3º Dia

Manhã - Elaboração de um projeto de trabalho em educação sexual no Instituto Montessori Criança Feliz.

7. Planejamento da implantação. Das quarenta pessoas que foram submetidas ao curso de treinamento em educação sexual, foram selecionadas doze para fazer parte do Grupo de Orientação e Educação Sexual (GOES). Reuniões quinzenais foram realizadas dividindo o GOES em quatro subgrupos: social, psicológico, biológico e de metodologia educativa (produção de material didático).

8. Programação de tarefas com pais. Imaginamos como ponto de partida a programação da Semana da Família Atual - SFA. Inicialmente, foram propostas 1.500 questões pelos alunos (12 a 16 anos) sobre os mais variados temas (sexo, família, drogas, violência e ecologia), classificadas pelo setor psicopedagógico e registradas em forma de gráficos (Gráficos 1 e 2). Foi com base nos questionamentos dos alunos que se estabeleceu a programação das atividades da SFA (Quadro 3). O objetivo maior da Semana foi promover o encontro entre pais, alunos e professores, onde se procurou estabelecer um diálogo aberto, abrangente e esclarecedor sobre os temas relatados. Além dos gráficos, da catalogação das perguntas da pesquisa e seleção, contamos ainda com uma fita de vídeo onde se acham registrados os momentos mais importantes da SFA.

9. Avaliação e ajustes periódicos.

Gráfico 1

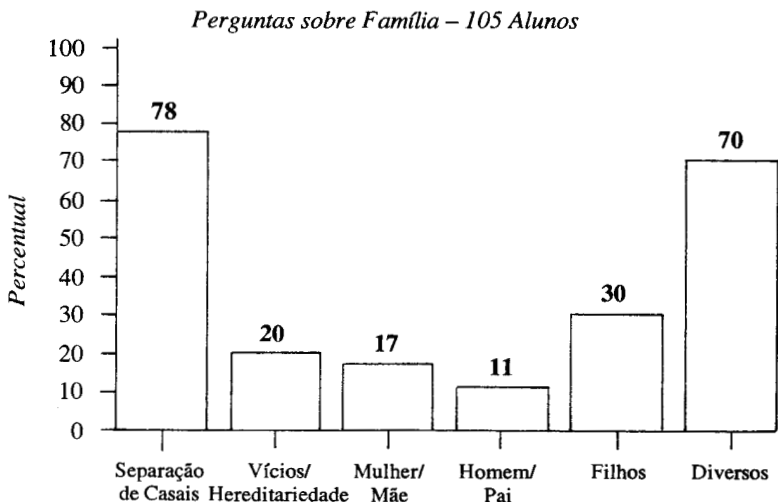
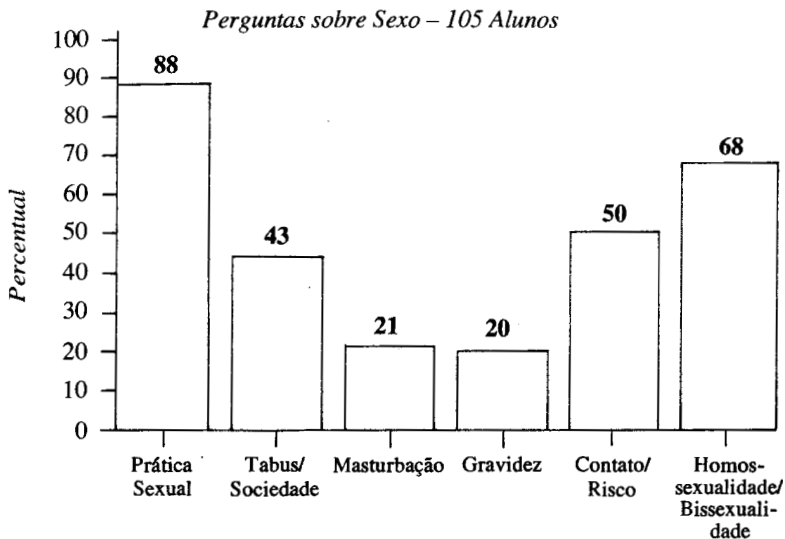


Gráfico 2**Quadro 3 – Programação da Semana da Família Atual.****1º Dia**

- Palestras sobre a “Família Atual” (pais); plenário “A Família” (alunos).

2º Dia

- Palestras sobre “Educação Sexual” (pais); dinâmica “Educação Sexual” (alunos) – Participação do GOES.
- Metodologia (jogos, filmes e áudio-visual). Temas (“DST/AIDS”, “Anti-concepção e Gravidez”, “Falando sobre Sexo”, “Aprendendo a Ser”, “Conhecendo o Corpo”).

3º Dia

- Palestra sobre “Drogas e Violência” (pais); dinâmica sobre “Drogas e Violência” (alunos).

4º Dia

- Grupo Viveres: palestra “Saúde, Alimentação e Natureza” (pais); Grupo Viveres: dinâmica “Saúde, Alimentação e Natureza” (alunos).

5º Dia

- Avaliação, comentários e reflexões finais.

COMENTÁRIOS

Ao iniciarmos nosso trabalho no Instituto Montessori Criança Feliz resolvemos, como primeiro passo, além das palestras de sensibilização, realizar um estudo exploratório na comunidade escolar para observarmos os principais sentimentos de seus membros quanto a alguns aspectos de suas vidas.

Como base para um trabalho futuro, decidimos então explorar como aquelas pessoas estavam se sentindo em relação a suas famílias, trabalho, estudos e a si mesmas. Verificamos tais sentimentos sobre três dimensões básicas ao desenvolvimento humano: físico, emocional e intelectual, segundo modelo proposto pelo psicólogo norte-americano R. Carkhuff (1973).

O objetivo básico do nosso trabalho seria o de considerar o referencial interno da comunidade; isto é, saber como estavam seus membros em termos físicos, emocionais e intelectuais para, mais tarde, criarmos condições que favorecessem seu movimento em direção ao que queriam ou onde precisavam chegar. Ao acaso, entrevistamos 10% da comunidade escolar (pais, professores, alunos e funcionários).

Em um segundo momento (Curso de Treinamento em Educação Sexual e Formação do GOES), tentamos fazer com que os profissionais (educadores) adquirissem as habilidades interpessoais propostas por Carkhuff (atender, responder, personalizar e iniciar) que, a nosso ver, ocasionariam um maior envolvimento das pessoas no processo, bem como um crescimento no aspecto cognitivo.

Paralelamente, foram realizadas várias atividades com os alunos do 1º grau (filmes, vídeo, teatros jogos, organização de murais, etc.), sob coordenação do GOES.

Embora considerada o ponto culminante do trabalho de educação sexual desenvolvido durante todo ano no Instituto Montessori Criança Feliz, a Semana da Família Atual foi também ponto de partida para outros trabalhos a serem desenvolvidos com os adolescentes. A participação dos alunos foi efetiva e a atuação dos pais relevante, principalmente nas sessões de debates que davam início a todas as atividades diárias.

Dos diversos depoimentos, que foram registrados, dos pais e alunos presentes, chamamos a atenção para a gratificação genérica dos alunos pelo espaço concedido a eles para que colocassem suas dúvidas, mitos e medos ligados ao tão controvertido tema sexo.

A nossa experiência tem demonstrado que, mesmo diante da alienação freqüente das pessoas e das instituições sobre a educação, em sexualidade não podemos nos omitir. Devemos assumir o nosso

papel social e fundamental. nós existimos, estamos aqui. Ao término, lembramos as palavras do grande educador Paulo Freire: “A educação reflete a estrutura do poder, daí a dificuldade que tem o educador dialógico para atuar coerentemente numa estrutura que nega o diálogo. Porém, alguma coisa fundamental pode ser feita: dialogar sobre a negação do próprio diálogo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LOPES, G. P. *Sexualidade Humana*. Rio de Janeiro, Medsi, 1989.
2. CAVALCANTI, R. C.; SOUZA, A. P. B.; LOYOLA, C.; CAVALCANTI, M.; DIAZ, M.; GOODSON, P. *Saúde Sexual e Reprodutiva. Ensinando a Ensinar*. Brasília, Ed. RCC, 1990.
3. VITIELLO, N.; CONCEIÇÃO, I. S. C.; CANELLA, P. R. B.; CAVALCANTI, R. C. *Adolescência Hoje*. São Paulo, Roca, 1988.
4. RIBEIRO, P. R. M. *Educação Sexual além da Informação*. São Paulo, EPU - Editora Pedagógica e Universitária, 1990.
5. SÁNCHEZ, C.; SANTOS, H. *La Educación Sexual en la Escuela*. Buenos Aires, Grupo Editor Latinoamericano, 1986.
6. TORDJAMAR, C. *Los Espacios de La Vida - Aprendizaje Social y Sexual*. Barcelona, Ediciones Versa], 1985.
7. CARKHUFF, R. R. *Helping and Human Relations. Vols. I e II*. New York, Book Crafters, 1984.
8. _____. *The Art of Helping*. Amherst-Massachusetts, Human Resource Development Press, 1983.
9. MIRANDA, C. F.; MIRANDA, M. L. *Construindo a Relação de Ajuda*. Belo Horizonte, Crescer, 1983.
10. SILVEIRA, M. J. M.; FREDERICK, A. D. Um estudo da efetividade das habilidades interpessoais propostas por Carkhuff no processo ensino-aprendizagem. *Educação*, 8(2): 173-188, Santa Maria, 1983.

Resumos Comentados

Pharmacotherapy of Erectile Dysfunction: A Review **1**

Resumo e Comentários de Oswaldo Martins Rodrigues Jr.¹

JÜNEMANN, K.; ALKEN, P. Pharmacotherapy of erectile dysfunction: a review. *International Journal of Impotence Research* 1(2): 71-93, 1989.

Desde a primeira ereção induzida farmacologicamente, descrita pelo médico francês R. Virag, em 1982, uma nova forma para o diagnóstico e o tratamento da disfunção erétil sendo desenvolvida.

Três diferentes agentes vasoativos já foram usados em tratamentos prolongados como terapia através de injeção intracavernosa: cloridrato de papaverina, a combinação de cloridrato de papaverina/fentolamina e prostaglandina E₁.

Estudos sobre injeção intracavernosa de papaverina compreendem mais de 3.000 pacientes. A ereção produzida pela papaverina, que pode durar até duas horas, facilita os exames dopplerométrico, sonografia duplex, cavernosografia dinâmica e é considerada satisfatória de acordo com os estudos sobre o uso contínuo, reportados em diferentes publicações. Poucos pacientes que fizeram uso prolongado de injeções intracavernosas de papaverina para a obtenção de ereções, utilizando-as às relações, relataram diminuição da ereção mesmo com aumento da dose.

1. Psicólogo clínico, psicoterapeuta sexual do Instituto H. Ellis (SP).
Recebido em 07.01.91

Aprovado em 18.02.91

A associação de papaverina e fentolamina, utilizada desde 1985 por A. Zorgniotti e Le Fleur, possibilitou a 72% dos homens que a utilizaram manter relações sexuais com penetração intravaginal. Os pacientes mais idosos tendiam a deixar de usar com frequência as injeções para o coito. Um sexto dos pacientes referiam ereções menos intensas sem a fentolamina. A associação com fentolamina permitiu diferenciar etiologicamente a disfunção eretiva vasculogênica das não vasculares. Estudos de 12 a 46 meses apontaram desistência de 34% após 9 meses e 21 % após 26 meses. Estudos prospectivos apontaram para a produção de ereções satisfatórias em mais de 90%. Estudos mais recentes (1988 e 1989) relataram a necessidade de aumento da dose inicial de papaverina e fentolamina para se obter ereção plena (35 e 41% dos pacientes) e a desistência de 41% do uso das injeções para o coito. Os autores apontam para a necessidade de estudos monitorados mais adequadamente, em especial no que respeita as dificuldades que podem ocorrer na terapia com injeções intracavernosas e as razões de desistência para esse tipo de tratamento.

O uso da prostaglandina E_1 foi relatado pela primeira vez por Ishii, em 1986. Até o momento, mais de 1.200 pacientes já usaram PGE_1 para o diagnóstico e o tratamento de impotência. Os estudos mostraram superioridade da PGE_1 embora "alguns pacientes" respondessem à papaverina/fentolamina e não à PGE_1 a vice-versa. Alguns pacientes referiam dor, durante a ereção com PGE_1 , que parece se relacionar com a dose administrada. Os autores apontam para a necessidade de estudos de longa duração para conhecer as reações possíveis.

As complicações com a farmacoterapia são: ereção prolongada, hematomas e fibroses do corpo-cavernoso. A ereção prolongada pode causar priapismo de 5 a 10% dos pacientes psicogênicos. A ereção prolongada devido a PGE_1 parece não necessitar tratamento, como no caso da papaverina, posto não durar mais que cinco horas, desfazendo-se naturalmente. A dor é outro importante efeito colateral de tratamento por injeção intracavernosa, sendo que a dor no local da injeção, na forma de queimação, é mais comum com a papaverina, com a injeção. Durante a ereção, a dor ocorre com a PGE_1 somente (17 a 69% dos pacientes). Hematomas e equimoses (2 a 10%), injeções subcutâneas, inchaço do pênis com parestesia da glândula são observados raramente e devem-se à técnica empregada na injeção, não envolvendo futuros problemas. Como resultado de injeções incorretas, observaram-se complicações mais severas, como cavernosites ou infecções (0,5%). Reações sistêmicas foram observadas com altas doses de papaverina sem conseqüências posteriores.

Os autores observam que sob diagnóstico as possíveis complicações então sob controle do médico. Durante o tratamento de auto-injeção, os pacientes devem ser orientados para que conheçam as possíveis complicações e saibam lidar com elas.

Os efeitos colaterais em tratamentos longos, como fribroses e os nódulos do corpo cavernoso ou da túnica albugínea, ocorrem em 5,4%, sendo que 30% eram reversíveis com tratamento descontinuado. Tais lesões podem evoluir em curvatura peniana. Doenças hepáticas podem vir a ser problema devido ao fato de a papaverina ser hepatotóxico, mas o tratamento prolongado só revelou 1 em 50 pacientes com função hepática anormal.

Os autores concluem que a combinação papaverina/fentolamina ou a PGE_1 são mais adequadas, seguras e efetivas para a farmacoterapia de disfunção erétil. Os riscos de efeitos colaterais - que na fase diagnóstica chegam, no caso da ereção prolongada, a algo entre 2,5 e 5,3% - decrescem a 0,3% durante a terapia por auto-injeção. A vantagem da PGE_1 é o menor risco de priapismo, contrapondo-se à ereção dolorosa (17 a 19%).

Faz-se necessário um estudo longitudinal superior a três ou quatro anos, tempo já possível para a papaverina, mas ainda a ser atingido para a PGE_1 .

Os autores apontam para a necessidade de informar os pacientes sobre os benefícios e os prejuízos deste tratamento, as complicações e as alternativas de tratamento. Por razões legais, um consentimento por escrito assinado pelo paciente, incluindo todas as informações acima, deveria ser obtido. Isto é importante, especialmente desde que nenhuma autoridade nacional de saúde aprovou ou regulamentou tal tratamento.

Os estudos brasileiros sobre a papaverina já começaram a ser apresentados em congressos, mas sobre a PGE_1 apenas os efeitos e os resultados iniciais encontram-se em andamento pelas mesmas razões apresentadas pelos autores ao se referirem ao restante do mundo. Os aspectos legais e éticos devem ser elaborados e adaptados às circunstâncias brasileiras e de forma sistematizada devem ser utilizados pelos profissionais da área. Neste tratamento, podem e devem ser utilizados os conhecimentos do terapeuta sexual no controle da utilização das injeções intracavernosas e dos aspectos benéficos das mesmas, objetivando, no caso dos pacientes psicógenos, o "desmame" das injeções para que o paciente venha a ter ereções satisfatórias por si. Também o terapeuta sexual, por sua formação em psicoterapia, terá mais facilidade em seu trabalho clínico com as dificuldades que o paciente possa ter com a terapia por injeções intra-cavernosas, diminuindo

a possibilidade de evasão ou interrupção do tratamento (aumento de resistências inconscientes).

Por outro lado, o estudo das injeções intracavernosas em pacientes psicógenos pode estimular psicoterapeutas a fazerem uso de tal abordagem, facilitando o trabalho e acelerando o processo que conduz à alta do paciente.

Intracavernosal Injection Therapy for Erectile Impotence: Moral and Forensic Aspects of Treatment **2**

Resumo e Comentários de Oswaldo Martins Rodrigues Jr.¹

O'GORMAN, E. C.; BROWNES, I. T. Intravernal injection therapy for erectile impotence: moral and forensic aspects for treatment. *International Journal of Impotence Research* 2(2): 99-104, 1990.

Com a popularização do tratamento da disfunção erétil através de injeções intracavernosas de drogas vasoativas, a triagem adequada dos pacientes pode antecipar litígios e efeitos colaterais desde priapismo e fibroses do corpo cavernoso até aspectos mais amplos, como éticos, morais e de medicina legal. O uso de cloridrato de papaverina, desde o início da década de 80, permite a obtenção de ereção peniana compatível com a relação sexual em homens cuja etiologia para a disfunção erétil é orgânica, ou psicológica que não responda adequadamente à psicoterapia somente. Os autores enfatizam a importância da avaliação psiquiátrica e psicosssexual anterior ao início do tratamento, além de advogar a consideração de tratamento psicológico anterior. A avaliação de distúrbios psicológicos, ansiedade, depressão e expectativas não realísticas sobre o tratamento, deve ser bem executada. A avaliação deve incluir:

1. A natureza e a duração do relacionamento afetivo, a tendência em se engajar em relacionamentos múltiplos, a ocorrência anteri-

1. Psicólogo clínico, psicoterapeuta sexual do Instituto H. Ellis (SP).
Recebido em 07.01.91

Aprovado em 18.02.91

or de doenças sexualmente transmissíveis, status de anti-corpos H.I.V., e preferências sexuais.

2. História prévia de criminalidade, interesse em comportamento desviante ou preferência imprópria de objeto sexual.

3. A percepção da relação do ponto de vista da parceira, com atenção especial para as conseqüências do retorno à vida sexual normal e que reajustes de estilo de vida e de relacionamento interpessoal deveria ocorrer. A presença de disfunções sexuais na parceira deve ser pesquisada.

4. Identificação de perturbações psicológicas que possam responder à psicoterapia somente. Reconhecimento da impossibilidade de tratamento em pacientes com desordens de personalidade. A identificação de distúrbios psiquiátricos em estágios precoces que podem ter relação com a disfunção ou esta ser desencadeada pela medicação utilizada.

Os autores concluem a necessidade de apoio de profissionais da área psiquiátrica com especialização em problemas psicosssexuais e as conseqüências de relacionamentos disfuncionais. Concluem, também, que o tratamento de disfunção erétil através de injeções intracavernosas de drogas vasoativas deve ser recusado a “desviantes”, “perturbados” e “desonestos”.

Os aspectos éticos devem ser revistos e conceitos morais do profissional não devem interferir na conduta terapêutica com os pacientes. Se há problemas na esfera psicológica, estes devem ser tratados e não, simplesmente, apontar para a recusa ao tratamento de “desviantes”, “perturbados” e “desonestos”. O terapeuta, juntamente com o médico, seja urologista, seja cirurgia vascular, deve atentar para o diagnóstico psicológico, não para impedir o tratamento da queixa trazida pelo paciente, mas para tratar as condições anteriores a/ou de base que não permitam sucesso no tratamento da disfunção erétil.

Estes aspectos éticos e morais devem ser avaliados adequadamente por profissionais brasileiros, posto que nossa realidade social permite, muitas vezes, que o profissional decida no lugar do paciente, e/ou de forma moral e/ou pessoal e não ética e profissional, conduzindo a iatrogenias muitas vezes irreversíveis.

O artigo é um importante alerta sobre o uso indiscriminado e descontrolado de drogas vasoativas indutoras de ereção peniana propiciadoras do coito. Os autores pressupõem, ingenuamente, que todos os pacientes (“20.000 só no Reino Unido”) - que recebem este tipo de tratamento - só o fazem por inadequação do processo psicoterápico, quando se pode perceber em consultório que o médico costuma tomar a decisão pela auto-injeção sem a anterior tentativa de psicoterapia

(leia-se terapia sexual), como apontam, por exemplo, Althof et al. (1989) após seis meses de tratamento sem sucesso. Naturalmente, o tratamento medicamentoso - seja por papaverina, associação de papaverina a fentolamina ou de prostaglandina E1 - pode ser efetuado com o acompanhamento de um psicoterapeuta treinado em terapia sexual; óbvio que não desde a primeira sessão, posto que há necessidade de preparo do paciente e de sua parceira sexual, além da triagem e descarte de pacientes com sintomas psicopatológicos, inadequação de casal ou outros fatores que contra-indicariam a terapia sexual, ou que remeteriam a outro tipo de psicoterapia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALTHOF, S. E. *et al.* Why do so many people drop out from auto-injection therapy for impotence. *Journal of Sex & Marital Therapy* 15(2): 121-9, 1989.